

CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSUNÇÃO
PONTIFÍCIA FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO

WERLEN LOPES DA SILVA

JÓ E OS POBRES

São Paulo, 2007

CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSUNÇÃO
PONTIFÍCIA FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO

WERLEN LOPES DA SILVA

JÓ E OS POBRES

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do título de mestre em Teologia Sistemática, com concentração em Bíblia, à comissão julgadora da Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, sob a orientação do Professor Dr. Matthias Grenzer.

São Paulo, 2007

Ficha catalográfica

Silva, Werlen Lopes.

Jó e os Pobres / Werlen Lopes da Silva; Orientado por: Dr.
Matthias Grenzer. _São Paulo: IESP / PFTNSA, 2007.
80f. 30 cm

1.Teologia Bíblica. 2. Antigo Testamento. 3. Livro de Jó.
I.IESP/PFTNSA, 2007.

JÓ E OS POBRES

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Matthias Grenzer.

Presidente da Banca e Orientador

Prof. Dr. Pedro Lima Vasconcelos.

Primeiro Examinador.

Prof. Dr. Côn. Celso Pedro da Silva.

Segundo Examinador.

Tese defendida e aprovada em: 16 de Outubro de 2007

São Paulo 2007

Dedico este trabalho a todos os religiosos
Mercedários do Brasil
que
após oitenta e cinco anos de missão redentora,
fundaram,
com muita esperança,
a Província Mercedária do Brasil.

AGRADECIMENTOS

Aos Religiosos Mercedários, família da qual faço parte, por terem possibilitado este trabalho.

Às comunidades Mercedárias nas quais tenho aprendido a viver, com amor, minha Vocação.

Agradeço, especialmente, ao professor Dr. Matthias Grenzer, que, com carinho e amizade, me ajudou na elaboração deste texto, orientando-me com seus conselhos sábios e seguros.

A professores Elza Atala, pela revisão gramatical deste trabalho.

אָב אָנְכִי לְאֶבְיוֹנִים

Eu pai para pobres

(Jó 29,16a)

SIGLAS

Cf. - Confira

v. - Versículo

vv - Vários versículos

VV.AA. - Vários autores

RESUMO

O tema dos pobres é marcante na caminhada e na teologia da América Latina, assim como era para o povo da Bíblia. Para o mundo bíblico, Iahweh é o *Pai dos pobres*.

Jó e os pobres são o tema fundamental desta dissertação que evidencia um sistema que oprime os pequenos transformando-os em miseráveis. É por isso que Jó se comporta como Iahweh. Ele também é Pai dos pobres e advogado dos oprimidos.

No presente trabalho, o intuito é revelar como Jó, juiz justo, se porta diante do mecanismo de empobrecimento e da espiral de miséria. Sua palavra se torna um dos únicos sinais de esperança para os pobres. Por isso ele, no tribunal da cidade, ergue sua voz em favor dos economicamente empobrecidos.

A pesquisa demonstra o relacionamento de Jó com os pobres, sua obra de caridade e o diálogo com seus interlocutores. A partir de algumas perícopes de forte teor social, ele revela sua qualidade de juiz justo ao se preocupar com o núcleo da lei que tem como objetivo fundamental garantir a vida dos enfraquecidos. A chave de leitura deste estudo está em perceber a postura ética de Jó e ver como ele defende os pequenos, espelhando-se no seu próprio sofrimento.

Palavras-chave: justiça, direito, economicamente empobrecidos, obras de caridade e esperança.

RESUMEN

El tema de los pobres es muy fuerte en la vida y en la teología de América Latina, como también era para el pueblo de la Biblia. Para el mundo bíblico, Iahweh es el padre de los pobres. Job y los pobres es el tema fundamental de esta disertación que pone en evidencia un sistema que oprime los pequeños transformándolos en miserables. Por eso Job se porta como Iahweh. El también es el padre de los pobres y abogado de los oprimidos.

En este trabajo, el objetivo es mostrar como Job, juez justo, se porta delante del mecanismo del empobrecimiento y de la espiral de miseria. Su palabra se torna una de las únicas señales de esperanza para los pobres. Por eso, en el tribunal de la ciudad, Job levanta su voz en favor de los económicamente empobrecidos.

La investigación demuestra la relación de Job con los pobres, su obra de caridad y el diálogo con sus interlocutores. A partir de algunas perícopas de fuerte acento social, él revela su condición de juez justo, al preocuparse con el núcleo de la ley que tiene como finalidad garantizar la vida de los enflaquecidos. La llave de lectura de este estudio está en percibir la postura ética de Job e ver como defiende los pequeños, mirándose en su propio sufrimiento.

Palabras claves: Justicia, derecho, económicamente empobrecidos, obras de caridad e esperanza.

ABSTRACT

The theme of the poor is an outstanding one in the history and theology of de Latin America, as well as for the people of the Bible. In the biblical world, Iahweh was the father of the poor. Job and the poor constitute the main theme of this dissertation, that shows a system that oppresses the small people making them into the miserable one. Due to this, Job behaves like Iahweh: He also is father of the poor and defender of the oppressed ones.

The object of this work is to show how Job, fair judge, conducts himself regarding to the impoverishment structure and to the spiral of poverty. So, Job's word is the only hope for the poor in the city's court; his voice is the only one that raises in favor of the impoverished people.

The research reveals job's relationship of Job with the poor. His charity towards them and his ability to make them understand him and to make himself understood by them. From some pericopes of strong social content, he reveals his fairness, worrying about the core of Law that has the object to warrant the life of the excluded people. The reading key of this study is to realize job's ethical position, that is, to see how he defends the poor people reflecting on his own suffering.

Key words: justice, right, economically impoverished, charity and hope.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	05
SIGLAS	07
RESUMO	08
RESUMEN	09
ABSTRACT	10
SUMÁRIO	11
INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I: NO DIÁLOGO COM SEUS INTERLOCUTORES	17
1.1. Estrutura do diálogo poético	17
1.2. Desigualdade social (Jó 3,17-20)	20
1.3. Esperança dos necessitados (Jó 5,5.10-11.15-16)	26
1.4. Sorte dos pobres (Jó 6,27)	29
1.5. Cotidiano dos trabalhadores (Jó 7,1-2)	31
1.6. Supostas práticas injustas de Jó (Jó 22,6-9)	33

	13
1.7. Atos violentos contra os pobres (Jó 24,2-4.9.14.21)	38
Conclusões	46
CAPÍTULO II: NO DIÁLOGO COM DEUS	48
2.1 Estrutura do monólogo de conclusão	48
2.2 Defensor dos pobres (Jó 29,12-17)	50
2.3. Compaixão de Jó (Jó 30,24-25)	64
2.4. Visão de igualdade (Jó 31,13.16-21)	68
CONCLUSÃO	74
BIBLIOGRAFIA	78

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa aborda um grupo de versículos e algumas perícopes no diálogo entre Jó, personagem central da trama, e seus interlocutores relacionados à temática dos pobres. Nela Jó aparece como o defensor da causa dos necessitados. Jó, que no capítulo 29 se apresenta como o *pai dos pobres*, é consciente da desigualdade que normalmente se vê em textos bíblicos. O livro é redigido em estilo poético, o que dificulta a tradução dos textos, não obstante, realizamos este estudo com dedicação e empenho, esperando de algum modo acrescentar nossos conhecimentos sobre o livro de Jó, em particular, e de todo o corpo sapiencial em geral.

“O livro de Jó é um dos escritos mais célebres do Primeiro Testamento. É também um dos mais desconhecidos”¹. É uma obra prima da literatura mundial e bíblica e pertence ao terceiro grupo dos livros bíblicos, os *K`tubim*, os Livros Sapienciais.

A arquitetura do livro evidencia uma trama literária complexa e muito bem elaborada, podendo se falar de uma polifonia, uma vez que esse livro é composto por duas camadas que se desenvolvem independentemente, mas dentro da mesma tonalidade.

¹ Samuel TERRIEN. Jó, p. 07.

Estilisticamente costuma-se apresentar o livro em dois blocos diferentes e importantes: a prosa e os diálogos poéticos. A linguagem dos diálogos poéticos (3-41) segue um estilo literário excêntrico, com extensos monólogos e diálogos, que circundam a temática essencial, a saber: a justiça diante do sofrimento humano, e a prosa que domina na parte inicial do livro (1-2) e na parte final (42,7-17). Todas essas peculiaridades fazem do livro de Jó um dos mais complexos do bloco sapiencial.

Nosso intento é ler o livro de Jó a partir do avesso da história. Ler o texto bíblico da perspectiva do empobrecido, do fraco e do humilde, e ver como Jó, o defensor dos pobres, relaciona-se com esses grupos. O objetivo é perceber como Jó se comporta mediante as contradições sociais. Vamos também apreciar o lugar social dos empobrecidos no seu discurso e sua postura ética diante dos dilemas que os pobres vivem, destacando as obras de caridade feitas por ele.

Sabidamente, o autor utiliza um vocabulário específico para falar dos empobrecidos e excluídos da sociedade, enfatizando a pobreza e os pobres em si mesmos e os pobres como os excluídos da sociedade. No primeiro grupo, o termo mais comum é עֲנִי², alguém em via de perder seus bens: *Se emprestares dinheiro ao meu povo, ao oprimido (אֶת־הָעֲנִי) que está contigo, não agirás com ele como um agiota, não cobrarás juros (Ex 22,24).* Vinculado ou não ao termo עֲנִי, que trata do pobre a título de oprimido, encontra-se também o termo לַדָּל, significando alguém desprovido de recursos: *Não despojes o indefeso: é um indefeso! (Pv 22,22).* Outra expressão que se entende por pobre no sentido material é אֶבְיֹן: *Porque venderam o justo por dinheiro e o pobre por um par de sandálias (Am 2,6c).*

² Todas as citações em hebraico utilizadas no trabalho são extraídas do programa Bible Works for Windows, na versão 6, em CD-ROM.

No grupo dos vocábulos que denotam os excluídos encontramos os termos paradigmáticos dos pobres: o *órfão* (אֵתֵּם) e a *viúva* (אַלְמָנָה). São duas as categorias que expressam o compromisso com os pobres. Excluir e oprimir o órfão, a viúva e o estrangeiro é um delito condenado pela lei (Dt 24,5-22). “A lei condena toda opressão e exploração dos mais fracos e dependentes e promove o relacionamento justo e fraterno entre os israelitas, especialmente com os mais necessitados”³. *Não defraudarás o direito do migrante ou do órfão, não tomarás em penhor as vestes de uma viúva* (Dt 24,17; Is 1,17). Iahweh é companheiro e defensor do pobre, oprimido, indefeso. Do órfão, da viúva e do estrangeiro (Dt 11,26-32; Ex 22,21-23).

Essas categorias geralmente aparecem juntas (Is 1,17; Jó 24, 9; Jr 4,9.11, 2 Sm 5,3), e sempre denotam um grupo de pessoas que necessitam do cuidado e da proteção daqueles que detêm o poder econômico, político e religioso do povo. O próprio Iahweh sempre está a seu lado. *Órfão e viúva* são grupos marginalizados e só dentro da comunidade podem sobreviver. Se nela não forem acolhidos, cairão na marginalidade.

A pesquisa que apresentamos está organizada seguindo a estrutura fundamental do livro de Jó. O estudo avança a cada texto e tenta descrever a estrutura e a poética de cada texto utilizado pelo autor.

O primeiro capítulo se ocupa com a primeira parte dos diálogos que, de acordo com nossos estudos, compreende os capítulos (3-28). Nesses capítulos, elegeremos seis textos relevantes que revelem a situação dos empobrecidos. A partir desses textos, abordaremos o processo de empobrecimento e o comportamento ético de Jó frente às injustiças sociais e à teologia da retribuição moral.

O segundo capítulo aborda a temática dos empobrecidos a partir de três textos extraídas do monólogo de conclusão que compreende os capítulos (29-31). Aqui se

³ Pedro KRAMER. O órfão e a Viúva no livro do Deuterônômio, p. 22.

abordarão três trechos em que os pobres surgem como personagens importantes e Jó se denomina o defensor dos necessitados e pai dos empobrecidos. Certamente há outros versículos que debatem o tema eleito, todavia se elegeram alguns nos quais os pobres assumem um lugar importante.

Com efeito, a pergunta sobre a postura ética de Jó, o tema do sofrimento e do seu compromisso para com os empobrecidos tem como intuito perceber a experiência de Deus que emana dos textos. Como falar de Deus em uma realidade onde a injustiça e o sofrimento destroem a vida dos pobres? Como manter de pé a fé de milhares de pessoas vítimas da iniquidade humana? Certamente Jó, *o pai dos pobres* (אָב אָנְכִי לְאֲבִיּוֹנִים) aponta caminhos para quem busca viver a justiça/direito.

CAPÍTULO I

NO DIÁLOGO COM SEUS INTERLOCUTORES

1.1. Estrutura do diálogo poético

O objetivo central deste primeiro capítulo é abordar a temática social no diálogo entre Jó⁴, personagem central, e seus três interlocutores: Elifaz de Tema, Baldad de Suás e

⁴ O livro de Jó apresenta como autor sua personagem central, Jó (יֹב). A transcrição de Jó para as línguas modernas deriva da forma grega (Ιωβ) (cf. LXX - Septuaginta Rahlfs⁵) e latina (Iob) (cf. Bíblia Vulgata) que, segundo alguns autores, traduziram o termo hebraico imprecisamente. A acepção e a etimologia de Jó são imprecisas, seu significado continua uma incógnita. Talvez a palavra hebraica Jó derive do verbo (יָבַח), que expressa, fundamentalmente, um *ser hostil, ser inimigo*. Contudo, esse verbo finito aparece apenas uma única vez em Ex 23,22. Na maioria dos casos Jó aparece como particípio da raiz (יָבַח); *inimigo, rival, adversário, opositor, odiar*. Essa compreensão do nome Jó deixa imaginar que o autor do livro, titulou sua obra segundo a postura de sua personagem principal, que se comporta de maneira inflexível diante do sofrimento. Cf. Marvin H. POPE. Job, p. 5-7.

Alguns peritos levantam suposições divergentes acerca da procedência do nome Jó, embasados na sua presença transcrita nas cartas ou tabuinhas de *Tel el Amarna*, que foram descobertas em 1887 nas ruínas de Arqueton, cidade do faraó Amenórfis IV (1377-1358), localizada entre as cidades do Cairo e Luxor na margem do Nilo. Elas trazem as correspondências da chancelaria do faraó Amenórfis III - 1413-1377 e narram o mito do Jó sumério que remonta a 2000 a.C e no versado Jó babilônico que data de mil anos antes do texto bíblico. Cf. Luis Alonso SCHÖKEL e José Luis SICRE Diaz. JOB, p. 21.

Essas teses contrariam a hipótese de que o autor ou o hagiógrafo do texto bíblico teve toda a engenhosidade ao criar o título de seu livro, mas, ao contrário, trata-se de um fenômeno, plagiado de algumas fontes antigas (Cf. Mervin H. POPE. Job. p. 126. Victor M ASENSIO. Livros Sapienciais, p. 125.).

Sofar de Naamat, fiéis defensores de uma das tradições clássicas da religião do antigo Israel, ou seja, da teologia da retribuição. O intuito é descrever a postura ética de Jó diante dos empobrecidos. O tema será estudado a partir dos versículos que mencionam os pobres. Antes, porém, é necessária uma breve apresentação acerca da organização literária do livro de Jó⁵.

A obra é complexa. Duas partes são redigidas em prosa: o prólogo (1-2) e o epílogo (42,7-17)⁶. Entre esses dois blocos encontra-se um longo diálogo poético (3,1-42,6). A seção dos diálogos é organizada em ciclos de discursos.

O bloco dos diálogos poéticos inicia-se no terceiro capítulo com um monólogo de introdução⁷ no qual a personagem principal apresenta seu sofrimento⁸. Da mesma forma, os diálogos encerram-se com um monólogo de conclusão (29,1-31,40). Nos demais, os discursos poéticos estão organizados em três ciclos. Os diálogos entre Jó, Baldad, Elifaz e Sofar parecem estar divididos em três blocos (3-14; 15-21; 22-27). Cada discurso de um dos interlocutores é respondido por um discurso de Jó (3. 6-7. 9-10.1 2-14. 16-17.19. 21. 23-24. 26-27)⁹. Em cada fala, Jó rebate impetuosamente as incriminações dos seus três interlocutores. Contudo, os discursos chegam a ser exaustivos pela sua dimensão,

É evidente que o livro não foi composto por um único autor; há uma pluralidade de autores, todos desconhecidos. Quando dizemos Jó, o singular é coletivo, a não ser que o reservemos para o redator final. (Cf. José V LINDEZ, Sabedoria e Sábios em Israel, p. 138) É certo que o redator final, possível autor dos diálogos poéticos, é alguém profundamente religioso. Sábio e excelente poeta, conhecedor das tradições proféticas de Israel e influenciado pelas culturas vizinhas. Sua grande sensibilidade humana e religiosa o faz solidário com o sofrimento do próximo e o distancia da ortodoxia oficial da religião judaica.

⁵ Sobre as formas literárias do livro de Jó. Cf. Marvin H. POPE. Job, p. 30-35.

⁶ O prólogo e o epílogo provavelmente recorrem a uma antiga lenda popular, refletindo um ambiente edomita, sobre um tal Jó, piedoso e paciente diante das adversidades da vida. Essa lenda é utilizada pelo autor para introduzir a temática fundamental de sua obra: a doutrina da retribuição desenvolvida no bloco dos poemas (3-42,6). Cf. Hans Walter WOLFF. Bíblia Antigo Testamento, p. 151.

⁷ Samuel TERRIEN. Jó, p. 75.

⁸ Victor Morla ASSENSIO. Livros Sapienciais e Outros Escritos, p. 137.

⁹ Samuel TERRIEN. Jó. p. 27. Ludger SCHWIENHORST-SCHÖNBERGER. O Livro de Jó. In Erich ZENGER. Introdução ao Antigo Testamento. p. 291-306.

revelando uma beleza literária extraordinária, digna de uma obra que é considerada o apogeu da literatura hebraica¹⁰.

Outra particularidade que influencia a estrutura do livro de Jó é a presença de um hino à sabedoria, no capítulo 28, sugerindo o fim do ciclo dos diálogos. Ao mesmo tempo, parece introduzir o monólogo final de Jó nos capítulos seguintes. Esse elogio à sabedoria pode ser considerado como o auge do ciclo de diálogos. Se o hino à Sabedoria é analisado como o auge do ciclo dos diálogos, o capítulo 28 pode ser visto como a introdução do monólogo de conclusão, composto pelos capítulos 29-31. Considerada essa hipótese, os capítulos 29-31 introduzem o segundo ciclo dos discursos que acontecem entre Elihu, Iahweh e Jó. Essa possibilidade é corroborada pelo desafio que Jó lança a Iahweh quase que o obrigando a uma resposta de sua parte (31,35).

O livro de Jó, assim como em toda a Bíblia hebraica, realça o assunto da vida dos pobres. Socorrer os pobres é o perfeito cumprimento da Torah. A opinião de que os economicamente fracos devem ser socorridos está em quase todas as páginas da Lei, na boca dos profetas e na literatura sapiencial. Em toda a Bíblia, o Deus Iahweh propõe-se a defender os oprimidos e os injustiçados. A pobreza não é uma oportunidade para Iahweh fazer caridade, mas ocupa o cerne de suas obras de caridade. Dessa forma, Iahweh torna-se o Deus dos pobres (Dt 11,26-32; Ex 22,21-23)¹¹. Iahweh escuta o grito dos pobres e faz justiça em seu favor: *Eu vi, vi a opressão do meu povo no Egito e ouvi o clamar sob os golpes dos chefes de corvéia. Sim, eu conheço seus sofrimentos. Desci para libertá-lo da mão dos egípcios e fazê-lo subir desta terra para uma terra que mana leite e mel* (Ex 3,7-

¹⁰ Luis Alonso SCHÖKEL e José Luis SICRE DIAZ. Job. p. 35.

¹¹ Por que é protegido de Iahweh, o pobre deve gozar também da proteção de todos e da Lei. Cf. Ex 22,29; Is 3,15; Sl 72,2.4. Lv 19,13; Pv 15,31.

10)¹². Entrementes, o pobre não é somente uma categoria social, mas uma categoria teológica, no sentido de ser o lugar privilegiado da revelação do Deus Iahweh¹³.

No diálogo entre Jó e seus interlocutores, os pobres aparecem em alguns trechos em que são usados os vocábulos clássicos. A seguir, serão analisados os versículos mais relevantes acerca desse tema.

1.2. Desigualdade social (Jó 3,17-20)

Em Jó 3, inicia-se a desconstrução de Jó como homem paciente, o qual, de acordo com os dois primeiros capítulos do livro, aceita o sofrimento de maneira passiva. Quando Jó, enfim, abre a boca (Jó 3,1), defende, com a vida, sua integridade. Abre sua boca em tom de protesto.

O terceiro capítulo está repleto dos questionamentos. Jó se pergunta: Por que Deus permite que o mal atinja justamente a ele, alguém que já teve tudo, que era uma pessoa honrada e respeitada por todos, que agora se encontra em extrema miséria? Para Jó, seu sofrimento é injusto, mas para seus interlocutores, o erro está em fazer perguntas quando as respostas são evidentes: o sofrimento humano é resultante do pecado pessoal e não do pecado social, que é produto da injustiça social.

No texto que será estudado a seguir, Jó relata a vida dos empobrecidos a partir de sua experiência, e constata que tamanho é o sofrimento que para os pobres não existe outra saída a não ser o caminho da morte. Os versículos fazem referência à vida de alguns

¹² Os textos transcritos que não serão analisados seguem a tradução da Bíblia de Jerusalém, nova edição revista e ampliada, 2004.

¹³ A Lei protege a vida dos pobres lançando mão de algumas leis caritativas. A lei do Levirato: Segundo a Lei (cf. Dt 25,5-10) quando um homem morre sem deixar filhos, seu irmão deve desposar a viúva, e o primeiro filho recebe a herança do defunto. O dízimo trienal: o dízimo anual do trigo, vinho, óleo e primícias. Por dois anos sobre três estes devem fornecer o alimento para o banquete sagrado: no terceiro ano, o dízimo vai para os pobres (cf. Dt 26, 12-15). A lei do Respingo: consistia em deixar para trás tudo o que caía do cesto ou dos ramos para os pobres (cf. Dt 24,19-22; Rt 2,2.8-9; Lv 19,9). Veja, sobre essa temática do pobre, em Hans V. KIEWELLER, *Pobreza / Riqueza (AT)*, p. 330-333.

empobrecidos, revelando a injustiça causada pela desigualdade social que, aparentemente, encontra uma solução viável somente no reino da morte¹⁴. Pois se imagina que no reino dos mortos haja igualdade e liberdade: *Ó morte, tua sentença é bem-vinda para o miserável e privado de suas forças* (Eclo 41, 2)¹⁵.

שָׁם רְשָׁעִים חָדְלוּ רִגֹז	17a	<i>Lá os ímpios cessam a agitação,</i>
וְשָׁם יִנְחֹחוּ יְגִיעֵי כֹחַ:	17b	<i>e lá, os que estão sem-força descansam.</i>
יַחַד אֲסִירִים שְׂאֲנָנוּ	18a	<i>Juntamente, descansam os prisioneiros,</i>
לֹא שָׁמְעוּ קוֹל נֹגֵשׁ:	18b	<i>e não ouvem a voz do feitor.</i>
קָטָן וְגָדוֹל שָׁם הוּא	19a	<i>Pequeno e grande, lá se juntam,</i>
וְעֶבֶד חֲפְשֵׁי מֵאֲדֹנָיו:	19b	<i>e o escravo é livre de seu senhor.</i>
לְמָה יִתֵּן לְעַמֵּל אֹר	20a	<i>Porque se dá o miserável à luz,</i>
וּחַיִּים לְמַרִּי נִפְשׁ:	20b	<i>e aos vivos, uma vida amargurada.</i>

O versículo 17 apresenta um paralelismo entre os *ímpios* (רְשָׁעִים), que são perversos e criminosos¹⁶, e os *sem-força* (יְגִיעֵי כֹחַ) que são aqueles que estão esgotados e afadigados (Dt 25,18; Eclo 1,3). Os ímpios aparecem duzentas e sessenta e seis vezes na Bíblia hebraica, sobretudo nos Livros Sapienciais. O termo é empregado paralelamente a termos que revelam suas obras. Os ímpios trata-se de um que, de acordo com o Salmo 37, atenta contra a vida do justo (Sl 37,32) e dos pobres (Jó 36,6; 2Sm 4,11; Is 11,4). No Salmo 37, os ímpios vão perecer, pois sua vida é passageira e se desfaz como fumaça (37,17), mas a vida do justo está garantida porque está nas mãos de Deus (Sb 3,1)¹⁷. *Vale*

¹⁴ Gustavo GUTIÉRREZ. Falar de Deus a Partir do Sofrimento do Inocente, p. 36.

¹⁵ Henri de TERNAY. O Livro de Jó. p. 51. Luis. Alonso SCHÖKEL e José Luis SICRE DIAZ. Job, p. 125.

¹⁶ O paralelismo antitético entre רָשָׁע e צַדִּיק aparece mais de oitenta vezes no Primeiro Testamento e desses mais da metade está em Provérbios.

¹⁷ Artur WEISER. Os Salmos, p. 235-236.

mais o pouco do justo que as grandes riquezas dos ímpios; pois os braços do ímpio serão quebrados, mas Iahweh é o apoio dos justos (Sl 37,16-17).

Os *sem-força* (יְנִיעֵי כֹחַ), isto é, os esgotados pelo trabalho¹⁸, representam os pobres que labutam incansavelmente e pouco aproveitam de seu trabalho, uma vez que são vitimados pela ganância dos ímpios: *Que proveito tira o homem de todo o trabalho com que se afadiga debaixo do sol?* (Ecl 1,3). Ao ver os pobres exauridos de esperança, Jó adia o descanso para o mundo dos mortos, pois ali, os *sem-força* descansariam livres da perseguição dos ímpios¹⁹.

Ao interpretar paralelamente os *ímpios* e os *sem-força*, o autor apresenta um contexto social de exploração do trabalhador. Nesse contexto, a morte parece ser a única forma de descanso para os afadigados. A única possibilidade de paz para os *sem-força* está no שְׁאוּל. Ali, no *túmulo*, os *ímpios* também cessam sua *agitação*, pois o ódio que carregam contra os justos se exaure.

Frente aos *prisioneiros* (אֲסִירִים) está o *feitor* (נִגְשׁ). O substantivo אֲסִיר é derivado do verbo אָסַר, que significa amarrar, prender. A forma substantivada אֲסִיר aparece em 14 passagens e sempre faz referência a pessoas cativas: *Deus dá uma casa aos solitários, livra os cativos para a prosperidade* (Sl 68,7). Trata-se de um grupo sem liberdade e sem direito algum. Em algumas passagens, o verbo אָסַר faz paralelo com os *pobres* (אֲבִיוֹנִים) ou com os *necessitados* (עֲנִוִים), característica que dá a esse verbo uma conotação social (Sl 69,33-34).

Paralelamente aos *prisioneiros*, está o *feitor* (נִגְשׁ). O termo é originado da raiz verbal נָגַשׁ, verbo que aparece 23 vezes na Bíblia hebraica. Seu significado básico é fazer

¹⁸ Luis Alonso SCHÖKEL e José Luis SICRE DIAZ. Job, p. 119.

¹⁹ Artur WEISER. Os Salmos, p. 236.

opressão para exigir pagamento ou trabalho de alguém (Is 14,4; 2Rs 23,35; Dn 11,20). O feitor é o chefe do trabalho forçado (Ex 1,11). É o porta-voz do sistema opressor, por isso é uma figura que faz parte da consciência histórica israelita, porque recorda a escravidão no Egito (Ex 3,7). Mas Jó é extremamente pessimista, diferentemente da história do livro do Êxodo que vislumbra a saída como possibilidade de vida e liberdade. Jó vê a morte como a única saída para os empobrecidos, como único lugar de alívio e de liberdade. No reino dos mortos, eles descansam tranqüilamente sem ouvir a voz de seus algozes.

O v. 19 apresenta um paralelo entre o *pequeno* (קָטָן) e o *grande* (גָּדוֹל); o *escravo* (עֶבֶד) e o *senhor* (אֲדוֹן). O primeiro a ser citado é o vocábulo קָטָן, que freqüentemente aparece paralelo a גָּדוֹל (Est 1,5.20). O *pequeno* denota alguém social e economicamente fraco: *Eis que vou tornar-te pequeno entre as nações, tu serás profundamente desprezado* (Ab 1,2)²⁰. Paralelamente está o vocábulo גָּדוֹל, que expressa a idéia de grandeza, referindo-se a pessoas ricas e poderosas (Gn 24,35; 41,40; 26,13; Jr 5,27; Ecl 2,9; 2Sm 5,10). O pequeno e o grande aparecem juntos 24 vezes na Bíblia hebraica (Gn 19,11; 1Sm 5,9; 30,2; 2Rs 23,2; Jr 8,10; 2 Cr 36,18), denotando a totalidade do povo²¹. Ao afirmar que *pequenos e grandes morrerão* (Jr 16,6), o profeta condena todas as classes sociais de Israel a habitar no reino dos mortos, onde todos são iguais. O túmulo não conhece as diferenças²².

עֶבֶד²³ é o termo usual no Primeiro Testamento que indica o *escravo*, ou qualquer pessoa sujeita a um senhor (1Sm 22,65.17; 27,5-12; 2 Sm 2,31), apesar do seu significado

²⁰ Cf. Jr 49,15; Am 7,2.

²¹ Eenst JENNI; Claus WESTERMANN. Dicionario Teológico Manual del Antiguo Testamento. Vol. I. p. 582.

²² Luis Alonso SCHÖKEL e José Luis SICRE DIAZ. Job, p. 125.

²³ *Escravos* (עֶבֶד) Jó 3,19; 4,18; 7,2; 19,16; 31,13; 1,8; 42,7.8a, 8b. As vezes que עֶבֶד aparece no prólogo e no epílogo, o conceito é de servo de Deus (cf. Ex 3,12; 2 Sm 15,8; Ex 4,10; Sl 19.12.14). *Trabalhos forçados* (עֲבֹדָה) 3,10; 3,20; 4,8; 5,6.7; 7,3; 11,16; 15,35; 16,2; 20,22. O verbo que designa a atividade do עֶבֶד tem

não se restringir ao âmbito da escravidão. O vocábulo está presente em 799 frases, designando pessoas transformadas em propriedades de outras. A existência de escravos denuncia grupos opostos em Israel: homens livres e escravos. Os homens livres têm sua subsistência garantida pelo trabalho daquelas pessoas reduzidas à escravidão. Os escravos são os homens obrigados a trabalhar para seu *senhor* (אָדוֹן), produzindo riquezas e prestando serviços gerais.

Os dois hemistíquios do v.20 apresentam o *miserável* (עָמַל) e os *viventes* (חַיִּים) como os representantes dos empobrecidos. O termo utilizado é עָמַל que é a forma substantivada do verbo עָמַל. Esse verbo designa o trabalho feito com muito esforço físico²⁴, demonstrando o aspecto negativo, opressivo e enfadonho que tem o trabalho quando é opressor (Jn 4,10; Sl 127,1; Pr 16,26). O emprego desse particípio pode significar o miserável, aquele que trabalha em serviços pesados (Jó 20,22). O intuito de Jó, ao utilizar o termo עָמַל, é mostrar que os pobres são explorados (Sl 73,5). Que, apesar de tanto esforço, não tiram nenhum proveito de seu trabalho, nem mesmo o necessário para o seu sustento (Ecl 3,9; 2,24; Jó 5,7). Para Jó o miserável não devia ter visto a luz, devia ter morrido antes do nascimento, assim ele seria mais feliz (Jó 3,1; Ecl 4,3).

O meio versículo 20b afirma que os *viventes* (חַיִּים) têm uma vida *amargurada* (לַמָּרִי). Nesse versículo, Jó deseja o fim de sua vida, tamanho é o sofrimento que lhe é

como significado “*trabalho, servir*”. Com isso, designa qualquer tipo de trabalho ou de serviço, tanto no campo profano quanto no sagrado. Em conseqüência, os substantivos derivados desse verbo vão assumir uma série de significados distintos, ligados ao campo do trabalho e do serviço. No campo profano, o termo pode significar desde escravo (1Rs 11,26) até ministro do rei (2Rs 19,5; 1Sm 22,6s), ou o rei vassalo (2Sm 8,2.6.14; 2Rs 16,7). No campo religioso, designará toda e qualquer pessoa que presta serviço à divindade. Nesse caso, representará tanto a pessoa do culto quanto a pessoa vocacionada por Iahweh para determinada tarefa. Portanto indica a condição de toda e qualquer pessoa em relação a um determinado senhor, fazendo o que ele mandar ou solicitar. Cf. Carlos A DREHER, *Escravos no Antigo Testamento*. In *Estudos Bíblicos N.* 18. p. 14.

²⁴ SCHWERTNER, S. עָמַל *Fadiga*. In: Ernet. JENNI e Claus WESTERMANN. *Diccionario Teológico Manual del Antiguo Testamento*. Vol.II, p. 423-427.

imposto. A vida, que na Bíblia hebraica é vista como algo prático e não como um conceito abstrato, não é mais saborosa, mas é uma vida de *amargura* (מר), passível de sofrimento e turbulenta (1Sm 1,10). A amargura e o desespero sofridos cotidianamente pelos *viventes* é fruto da injustiça. É também causada pela incapacidade que os pobres têm de honrar seus compromissos com sua família e com a sociedade. Situação que os leva a viver em constante aflição (1Sm 1,10; 22,2; Jó 7,11; 10,1; Pr 31,6). A amargura vivida por eles só é comparável à aflição vivida diante a morte eminente (1Sm 15,32).

Jó está entre a vida e a morte. Viver ou morrer: que importância tem? Para ele tanto faz, uma vez que “vive seu sofrimento como um abandono por parte de Deus”²⁵. E tamanho é o sofrimento que ele percebe o universo como um lugar caótico, abandonado por Deus. E apesar desse abandono, o pobre Jó vive a solidariedade como espiritualidade pessoal. Ele é solidário com os empobrecidos e com os aflitos, suas queixas não são egoístas, mas expressam seu compromisso com o necessitado. O sofrimento de Jó não é simplesmente sofrer, mas um sofrimento vicário. Nele está o grito dos pobres.

Ao proclamar, na descrição de Jó 3,17-20, a igualdade social, o autor quer manter latente a esperança dos pequenos e escravos diante o descaso dos ímpios e opressores. Proclamando o advento de uma sociedade igualitária, destituída de senhores e escravos, vítimas e opressores, Jó está conectado com a tradição das tribos onde a igualdade era vivida como organização política da sociedade. O texto desvenda uma nova realidade, um novo horizonte para os enfraquecidos quando viverão livres dos perseguidores.

²⁵ Gustavo GUTIÉRREZ. Falar de Deus a Partir do Sofrimento do Inocente, p. 34.

1.3. Esperança dos necessitados (Jó 5, 5.10-11.15-16)

É Elifaz quem fala no capítulo cinco. Tenta explicar a Jó que a causa de seu sofrimento encontra-se em seu afastamento de Deus. Baseando-se em sua experiência, Elifaz, explica a Jó que o mal resulta da ira de Deus, o qual pune a iniquidade. Mais ainda, a ira de Iahweh não surge do nada e nem da tribulação, mas é causada pelos pecadores. Com isso, Elifaz está afirmando que o sofrimento dos pobres é fruto de suas iniquidades.

Os versículos que serão analisados a seguir, apesar de saírem da boca de Elifaz, dentro do contexto não combinam com a teologia da retribuição. Deus não é a causa do sofrimento dos pobres, pois o sofrimento é fruto da violência que os poderosos lhes impõem. Os versículos (Jó 5,5.10-11.15-16) mostram que os fortes estão empenhados em destruir os fracos, e é com esse fim que empregam todas as suas forças no projeto da sua destruição. Sua espada, sua boca e as mãos dos fortes estão empenhadas em destruir definitivamente a vida dos empobrecidos. Entretanto Deus está com os necessitados, salvando-os da boca dos ímpios que testemunham contra eles, libertando-os da mão que os golpeia. Iahweh manda a chuva para reanimar os fracos que já estavam tomados pelo desespero, fazendo germinar para eles a esperança.

אֲשֶׁר קָצִירוֹ לְעֵב יֹאכַל	5a	<i>A colheita dele, o faminto a comerá,</i>
וְאֶל-מִצְנֵיִם יִקְחֶהוּ	5b	<i>e Deus o tirará do meio dos espinhos,</i>
וּשְׂאֵף צַמִּיִם חִילָם:	5c	<i>e sedentos se lançarão sobre suas riquezas.</i>
הַגֶּתֶן מָטֵר עַל-פְּנֵי-אָרֶץ	10a	<i>Aquele que dá a chuva sobre a face da terra,</i>
וְשִׁלַּח מַיִם עַל-פְּנֵי חוּצוֹת:	10b	<i>e que envia as águas sobre os campos.</i>
לְשׁוֹם שְׂפָלִים לְמָרוֹם	11a	<i>Para se elevarem, para cima, os rebaixados,</i>
וְקִדְרִים שָׁגְבוּ יֵשַׁע:	11b	<i>e os inclinados se porem a salvo.</i>
וַיֵּשַׁע מִחֶרֶב מִפִּיהֶם	15a	<i>Aquele que salva da espada, da boca deles,</i>
וּמִיַּד תּוֹק אֲבוֹיוֹ:	15b	<i>e da mão do forte, o pobre.</i>

וְתִהְיֶה לְדָל תְּקוּהָ	16a	<i>Assim tinha esperança para o necessitado,</i>
וְעִלְתָּה קִפְצָה פִּיהָ:	16b	<i>e a injustiça fecha a sua boca</i>

No capítulo 5, Elifaz apresenta um grupo de vocábulos que, justapostos, formam um contexto social, onde, os economicamente empobrecidos aparecem em contraposição aos seus opressores²⁶. Seu intuito é aproximar Jó da teologia da retribuição em busca da justiça, oferecendo-lhe uma chance de reconciliação.

Os hemistíquios do v.5 formam um paralelo com a dupla *famintos* (רָעִב) e *sedentos* (צָמִיִּים)²⁷. Os *famintos e sedentos* não são fruto de catástrofes da natureza (Jó 5,6), mas da injustiça existente entre os homens²⁸. Por isso, assaltam as lavouras devorando-as, saqueiam as propriedades em busca de alimentos para saciar sua fome. O proprietário até defende seus bens erguendo cercas de espinhos. No entanto, essas cercas-vivas se mostram ineficientes diante da fúria causada pela fome, pois os famintos são capazes de derrubar paredes de pedras para saciar sua fome. A impiedade é plantada pelos homens. Por isso, eles mesmos a colhem (Jó 4,8)²⁹.

Os vv.10-11 apresentam Iahweh como aquele que protege os fracos dos fortes. Tal postura está de acordo com a lei mosaica (Dt 10,11), na qual a justiça compete ao rei, o que tem como obrigação proteger os fracos e os pobres da violência causada pelos fortes, “Dessa forma, a justiça incluía dois movimentos: exaltar o pobre e castigar os poderosos”³⁰. Nesses versículos, os homens estão divididos em grupos: os *rebaixados* (שְׁפָלִים) (11a) e os *inclinados* (קְרָרִים) (11b) que são elevados para uma morada nas alturas (Is 33,16), enquanto os fortes são *rebaixados*. Os fortes são aqueles que investem contra os

²⁶ Luis Alonso SCHÖKEL e José Luis SICRE DIAZ. Job, p. 144.

²⁷ Luis Alonso SCHÖKEL e José Luis SICRE DIAZ. Job, p. 132.

²⁸ Luis Alexandre SOLANO ROSSI. O Livro de Jó, p. 44-45.

²⁹ Henri de TERNAY. O Livro de Jó, p. 57.

³⁰ Luis Alexandre SOLANO ROSSI. O Livro de Jó, p. 45.

empobrecidos, com a intenção de esmagá-los, mas Iahweh é quem os defende contra a maldade dos ímpios (Sl 12). Deus rega os campos com a intenção de elevar os *rebaixados* e salvar os *inclinados*³¹. *O arco dos poderosos é quebrado, os debilitados se cingem de força. Os que viviam na fartura se empregam por comida, e os que tinham fome não precisam trabalhar* (1Sm 2,4-5b).

Nos versículos 15 e 16 surge a dupla *pobre* (אֲבִיּוֹן) e *necessitado* (לַדָּל)³², representantes da pobreza, manifestando o ideal sapiencial e também profético que tem como temática central a justiça social. Essa temática é inspirada no cântico de Ana (1Sm 2,4ss; Lc 1,47), assegurando que Iahweh é quem restabelece o equilíbrio social³³. O termo אֲבִיּוֹן tem um sentido material, é alguém que perdeu seus bens (Ex 23,11). Sempre que o *pobre* (אֲבִיּוֹן) aparece na Bíblia hebraica, tem a conotação econômica (Dt 11,8; 2Sm 10,12), frisando que esse grupo goza de proteção especial da legislação mosaica³⁴. Os pobres são aqueles que sofrem o desprezo dos ímpios³⁵.

Ao lado de אֲבִיּוֹן está o *necessitado* (לַדָּל) que é alguém que sofre privações de bens materiais (Pv 10,15; Am 2,7). A condição dessa dupla é trágica por isso é protegida por Iahweh (Ex 23,2; Lv 14,31). אֲבִיּוֹן e לַדָּל formam uma dupla aparecendo na maioria das vezes juntas³⁶ (Am 8,6). Paralelo aos pobres estão as *mãos dos fortes* (וּמַיִד קָזֵק), como instrumento de poder, desenhando um contexto social opressor. Adjacente ao *necessitado*, surge a *esperança* (תִּקְוָה) como sustentáculo para os fracos.

³¹ Luis Alonso SCHÖKEL e José Luis SICRE DIAZ. Job, p. 132.

³² O termo לַדָּל ocorre 62 vezes na Bíblia hebraica, no sentido de pobre, de alguém desprovido de recursos, desvalido, um fraco, desnutrido que clama por socorro a Iahweh (cf. Lv 4,21; 19,15; Jr 5,4; Gn 41,19; Am 2,7;8,6). Denota uma pessoa empobrecida pelo uso incorreto da jurisprudência, por julgamento que privilegia os ricos. Com seus bens hipotecados, sofrem necessidades, privações físicas. Os fracos e os necessitados geralmente aparecem paralelamente aos ricos e poderosos (Cf. Ex 30,15; Rt 3,10; Lv 19,5).

³³ Samuel TERRIEN. Jó, p.90.

³⁴ Cf. Dt 15,1-4; Lv 25,39-41; Is 29,1

³⁵ Cf. Pv 30,4; Ex 30,15; Rt 3,10, Lv 19,5

³⁶ Cf. I Sm 2,8; Sl 72,12; Sl 113,7; Pv 14,31

Sentado sobre cinzas, Jó escuta atentamente a fala de Elifaz que, sem perceber, revela que o mal, ou seja, a iniquidade não surge do nada, que a tribulação não brota do solo³⁷. O mal não é uma fatalidade, mas é algo fabricado pelos iníquos. É fruto da injustiça praticada pelo ser humano. Nesse caso Jó, apesar de ser acusado de iniquidade, é justo.

A condição de pobreza vivida por Jó demonstra que os economicamente empobrecidos são vitimados pela teologia da retribuição e também pelo sistema social vigente. Aqui a injustiça é evidente. Se há pobreza é porque existe um projeto político, econômico e religioso que visa ao empobrecimento de algumas classes.

1.4. Sorte dos pobres (Jó 6, 27)

O capítulo seis nos apresenta dois projetos paradoxais: de um lado a teologia da retribuição, e, de outro lado, a experiência cotidiana da dor e da calamidade que, segundo Jó, são como água e óleo: jamais se combinam. Jó, na fala que veremos a seguir, quer enfatizar que seus amigos se comportam como inimigos dos sofredores. Eles se tornam insensatos, incapazes de perceber a dimensão da dor vivida pelos sofredores. Seus discursos são palavras que não têm gosto, e sua teologia não tem mais sabor. Por isso, não são capazes de ouvir o clamor dos pobres.

Parece que o mundo não tem espaço para o sofrimento, pois é incapaz de perceber que o sofrimento dos pobres é fruto de uma construção social que se tornou surda aos clamores dos empobrecidos. Jó, ao contrário dos representantes da teologia tradicional, demonstra que seu corpo não é de pedra e que sua teologia não é compatível com a dos seus amigos, que, por serem insensíveis, não têm solidariedade com os economicamente empobrecidos. São representantes de uma teologia do medo e da exclusão. E uma teologia

³⁷ Henri de TERNAY. O Livro de Jó, p. 57.

dessa natureza não é capaz de romper com seus limites e caminhar em direção àqueles que sofrem. A indiferença dos seus amigos é tal que leva Jó a acusá-los de serem capazes de vender os amigos e leiloar os órfãos.

אֶתְעַלְיָתוֹם תַּפִּילוּ 27a *Vós lançais a sorte sobre o órfão*³⁸,
 וְחִכְרוּ עַל־רֵיעֵכֶם: 27b *e traficais vosso amigo.*

O *órfão* (יָתוֹם)³⁹, um dos representantes dos economicamente pobres, aparece sete vezes no diálogo poético⁴⁰, mas somente em Jó 6,27a, se configura sozinho. Aqui, nesse meio-versículo, Jó denuncia a apatia de seus interlocutores diante do sofrimento dos abandonados: *Vós lançastes a sorte sobre o órfão* (6,27a). Para ele, a insensibilidade dos interlocutores tornou-os traidores da lei que eles mesmos se arrogam representar. Por isso, são capazes de vender os amigos e de leiloar os órfãos. Essa atitude constitui um sacrilégio contra Iahweh, que é o *pai dos órfãos* (אָבִי יָתוֹמִים) (Sl 68,6) e auxílio dos desamparados⁴¹.

O *órfão*, na Bíblia hebraica, é visto como um paradigma dos economicamente empobrecidos. Por isso, é protegido pela lei e por Deus: *Não perverterás o direito do estrangeiro e do órfão, nem tomarás como penhor a roupa da viúva* (Dt 24, 17; Dt 16,11-14). Tanto a lei como os profetas condenam o abandono e a violência para com o órfão, considerando esse abandono como uma atitude de desprezo aos pais (Ez 22,7; Is 102)⁴². No entanto, Jó, ao apontar o crime social contra os indefesos, evidencia a doença social em que a sociedade está imersa, sendo capaz até de comercializar a vida dos órfãos e dos

³⁸ Literalmente esse meio versículo pode ser traduzido por: *deixeis cair sobre o órfão*.

³⁹ Órfão (יָתוֹם) ocorre 41 vezes na Bíblia hebraica, e, geralmente paralelo a viúva (אֵלְמָנוּת) e ao estrangeiro. Aqui no livro de Jó aparece sete vezes, três vezes associado à viúva.

⁴⁰ Cf. 6.27; 22.9b; 24,3; 24,9; 29,12; 31,17; 31,21.

⁴¹ Dt 24,17.

⁴² Luis Alexandre SOLANO ROSSI. O Livro de Jó, p. 52.

amigos pelo valor de um escravo (Sl 22,19; 2Rs 4,1; Os 3,2)⁴³. Jó acusa os amigos de maltratar os absolutamente indefesos e até os mais próximos. Por isso, eles perdem o direito de querer instruí-lo sobre a justiça.

1.5. Cotidiano dos trabalhadores (Jó 7,1-2)

A vida dos trabalhadores empobrecidos não é tranqüila. Para eles o trabalho não é para o sustento de sua família, mas é utilizado pelos poderosos como um mecanismo de opressão, uma vez que, apesar de tanto esforço, não conseguem o necessário para sua sobrevivência. Nessas condições, o trabalho não é um lugar de encontro com Deus e, sim, o combustível de um sistema ganancioso que não olha para o ser humano, mas para o lucro como única finalidade. É por isso que Jó, ao relatar a experiência dos trabalhadores, revela que a vida dos pobres é consumida na produção de bens que jamais usufruirão. O cotidiano dos trabalhadores é evidente nos versículos que serão abordados a seguir.

הֲלֹא-צָבָא לְאִנּוּשׁ עַל-אֲרֶץ	1a	<i>Não há serviço militar para o homem sobre a terra,</i>
וְכִימִי שָׁכִיר יָמָיו:	1b	<i>e não são dias de diarista os seus dias?</i>
כְּעֶבֶד יִשְׂאֵף-צֶלֶל	2a	<i>Como um escravo que suspira por sombra,</i>
וְכַשְׂכִּיר יִקְוֶה פְעֻלוֹ:	2b	<i>e como um diarista que espera por seu salário.</i>

Nesses dois versículos, o autor menciona, de maneira dramática, a vida dos trabalhadores empobrecidos a partir de dois vocábulos que geralmente estão presentes em contextos sociais. O vocábulo **צָבָא** significa toda espécie de serviço; desde o militar, o trabalho civil, até o serviço religioso. Entrementes, designa o serviço que não é laborioso, mas imposto: *Que proveito tira o homem de todo o trabalho com que se afadiga debaixo*

⁴³ Luis Alonso SCHÖKEL e José Luis SICRE DIAZ. Job, p. 159.

do sol? (Ecl 1,3). Aqui, nesses dois versículos, o vocábulo é tomado no sentido de trabalho obrigatório, expressando a realidade do serviço militar, a título da corvéia⁴⁴.

Os dois versículos formam um paralelismo a partir dos vocábulos principais. No v. 1, o paralelo é entre **צָבָא**, que indica um trabalho feito com muito esforço físico, e **שָׂכִיר** que revela a existência de um trabalhador *diarista* para desempenhar um *trabalho fadigoso* (**עָמַל**)⁴⁵. No v. 2, o autor cria, de maneira poética, um paralelismo sinonímico entre os verbos *suspirar* (**שָׁאַף**) e *esperar* (**קָוָה**) e os termos *escravo* (**עֶבֶד**)⁴⁶ e *diarista* (**שָׂכִיר**). O *escravo* (**עֶבֶד**) é pessoa transformada em propriedade jurídica de alguém e considerado mercadoria que se pode adquirir, e o *diarista* (**שָׂכִיר**), que não é escravo, mas é obrigado a trabalhar duramente, apesar de ter direito de receber seu salário antes do pôr do sol. O contexto social nos dá a entender que esses grupos não são respeitados. A intenção de Jó, ao comparar o dia-a-dia dos diaristas ao cotidiano dos escravos, é expressar, de maneira enfática, o sofrimento imposto aos trabalhadores (Ne 5,1-5).

O pobre Jó contempla o cotidiano dos empobrecidos e não vê nenhuma saída possível. A existência do pobre é como a do bóia-fria, do trabalhador diarista que recebe pagamento a cada dia e que vive como um escravo levando uma vida muito dura e sem esperança. A vida do pobre é frágil. O tempo passa e ele não consegue construir nada que lhe garanta o futuro. Vive uma agonia, e para ele parece não haver esperança. Jó sente na pele o fruto da miséria vivida pelos enfraquecidos e, por isso, é capaz de elaborar um pensamento sobre a condição humana e, já quase sem fôlego, relata seu sofrimento, certo

⁴⁴ Luis Alonso SCHÖKEL e José Luis SICRE DIAZ, Job. p. 160. Henri de TERNAY. O livro de Jó. p. 65.

⁴⁵ Esse vocábulo aparece em três formas diferentes (**עָמַל**; **עָמַל**; **עָמַל**); todas têm o mesmo significado básico, (Cf. Gn 41,5; Ecl 1,3; 2,10s.19s).

⁴⁶ Claus WESTERMANN. Siervo. In Diccionario Teológico Manual del antiguo Testamento. Vol I, p. 258. (Cf. Is 24,2; MI 1,6; Sl 123,2, 1 Cor, 21,3). Quando aparecem o trabalho forçado e o escravo paralelamente se remete a corvéia imposta aos hebreus no Egito pelo faraó Ramsés III, na construção das cidades de Pítom e Ramsés (Ex 1,8-14).

de que sua voz traduz os sofrimentos dos empobrecidos. Sua queixa não é solitária, mas é a tradução da voz dos pobres, vítimas da injustiça e do descaso das autoridades. A pobreza, para Jó, é o produto do sistema que permite a exploração e a escravidão de pessoas.

1.6. Supostas práticas injustas de Jó (Jó 22,6-9)

Estamos no terceiro ciclo de diálogos. Nesse momento, Elifaz investe diretamente contra Jó, acusando-o de praticar determinados crimes contra os pobres. Acusa-o de ser injusto. Sua intenção é isentar Deus e culpar Jó de seu sofrimento. Para Elifaz, bem como para Baldad e Sofar, Jó é um pecador empedernido que despoja os fracos e pratica toda sorte de injustiça contra os pobres. A estrofe que será analisada (Jó 22,6-9) ilustra como Elifaz, mentindo, culpa Jó de seu sofrimento. A fala de Elifaz tem como objetivo justificar o sofrimento mortal que Jó está vivendo e defender os princípios da teologia da retribuição⁴⁷.

As acusações que Elifaz levanta contra Jó se referem ao núcleo fundamental da lei, nos livros sapienciais e dos profetas⁴⁸. Segundo Elifaz, o pecado de Jó foi não ter atendido aos mais necessitados, pois, de acordo com a lei, é um atentado frontal contra o núcleo essencial da fé israelita. Devido à teologia da retribuição, “acredita-se que os que eram pobres e estavam sofrendo na miséria eram os responsáveis pelo sofrimento”⁴⁹. Vejamos as acusações contra Jó.

⁴⁷ Luiz Alexandre Solano ROSSI. O livro de Jó, p. 117.

⁴⁸ Luis Alonso SCHÖKEL e José Luis SICRE DÍAZ. Job. p. 338.

⁴⁹ Henri de TERNAY. O livro de Jó, p. 153.

כִּי־תִחַבֵּל אֶחָיִךְ חֲנָם	6a	<i>Porque sem motivo exigias penhores de teus irmãos,</i>
וּבִגְדֵי עֲרוֹמָיִם תִּפְשִׂיט:	6b	<i>e despojavas os nus de suas vestes.</i>
לֹא־מַיִם עָנִף תִּשְׁקֶה	7a	<i>Não davas de beber água ao esgotado,</i>
וְיִמְרַעֵב תִּמְנַע־לֶחֶם:	7b	<i>e, ao faminto, negavas pão.</i>
וְאִישׁ זָרוּעַ לֹו הָאָרֶץ	8a	<i>O homem poderoso: dele é a terra,</i>
וּנְשׂוּא פָּנִים יֵשֵׁב בָּהּ:	8b	<i>e levantavas o rosto a quem estava sentado.</i>
אֶל־מְנוּחַת שְׁלֶחֶת רֵיקָם	9a	<i>Às viúvas despedias de mãos vazias,</i>
וּזְרַעוֹת יְתָמִים יִדְפֵּא:	9b	<i>e os braços dos órfãos quebravas.</i>

Elifaz, a partir do versículo 6, não hesita em levantar falso testemunho, acusando Jó de cometer injustiças contra os pobres: *Porque sem motivo exigias penhoras de teus irmãos, e despojavas os nus de suas vestes.* As duas primeiras acusações supõem que Jó tenha cometido gestos de desumanidade contra *seus irmãos* (אֶחָיִךְ). *Exigias penhores* (תִּחַבֵּל) especialmente do *manto* (בִּגְדָךְ), que não podia ser confiscado até o dia seguinte. Devia-se devolver antes do anoitecer a veste penhorada, a fim de que o pobre, que só tem um manto, pudesse cobrir-se com ele durante a noite, e assim se proteger do frio. Essa medida é defendida pelo direito dos pobres e que, na fala de Elifaz, não era considerada por Jó. *Se tomares o manto (בִּגְדָךְ) do teu próximo em penhor (תִּחַבֵּל), tu lhe restituirás antes do pôr-do-sol. Porque é com ele que se cobre, é a veste do seu corpo: em que se deitaria? Se clamar a mim, eu ouvirei, porque sou compassivo* (Ex 22,25-26)⁵⁰.

Penhorar o manto dos empobrecidos é agir contra os preceitos ensinados pelos profetas que denunciam as práticas injustas contra os fracos. *Eles se estendem sobre vestes penhoradas ao lado de qualquer altar, e bebem vinho daqueles que estão sujeitos a multas na casa de seu deus.* (Am 2,8).

⁵⁰ Cf DT 24, 6-17.

O drama aqui vivido pelos pobres e do qual Jó é acusado é evidenciado pela presença do verbo (חבל) que significa tomar algo como penhor para garantir o pagamento das dívidas e do substantivo (בגד) que significa qualquer tipo de vestimenta; desde as vestes dos ricos até a roupa dos leprosos (Nm 4,6-13;1Sm 9,13). Segundo a lei, o manto como vestimenta é visto como a dignidade da pessoa (Dt 24,17). Tirá-lo, como penhor, e não o devolver até o anoitecer, é praticar a injustiça contra os fracos. Esse comportamento é reprovado por Elifaz, que afirma que Jó *exigia sem motivo* o manto e não o devolvia, deixando o pobre nu durante a noite, atitude que, segundo o profeta Isaias (58,7), é um ato injusto. A acusação que recai sobre Jó é de usar o penhor, que era reconhecido pela lei, para confiscar os bens dos pequenos e assim torná-los miseráveis.

No v.7, o autor trabalha com dois vocábulos negativos. O primeiro ocorre entre a partícula negativa לֹא e o verbo מנע que também tem conotação negativa. As vítimas dessas ações negativas, supostamente praticadas por Jó, são o עֵיף e o רָעֵב dois vocábulos que formam um paralelo sinonímico (Gn 25,29; Dt 25,18). O *sedento* é descrito pelo adjetivo עֵיף expressando o esgotamento físico que pode ser causado pela fome ou por grandes esforços, como no caso de Esaú. *Certa vez, Jacó preparou um cozido e Esaú voltou do campo, esgotado (עֵיף). Esaú disse a Jacó: “ Deixai-me comer dessa coisa ruiva, pois estou esgotado”* (Gn 25,29-30). O esgotamento também pode ser provocado por uma situação de sede: *a água fresca em garganta sedenta* (Pr 25,25a).

O adjetivo רָעֵב tem como raiz o verbo רעב, que significa *estar faminto* ou *ser insaciável*. Em todos os casos em que a raiz aparece no Primeiro Testamento, ela designa a fome humana nos seus diversos níveis: desde a fome física até a fome existencial, características que estão presentes no salmo 33,19: *Para da morte libertar a sua vida e no tempo da fome fazê-lo viver*.

O *esgotado* e o *faminto* representam os pobres, aos quais, Jó, de acordo com a fala de Elifaz, impiedosamente, é capaz de lhes negar um pouco de *água* (מַיִם) e um pedaço de *pão* (לֶחֶם), ou seja, o mínimo necessário para sua sobrevivência. Com essas acusações fica evidente, segundo Elifaz, que Jó merece o sofrimento pelo qual está passando (Jó 22,10-11).

Na fala de Elifaz, Jó é capaz de praticar mais injustiças, não lhe bastando negar auxílio aos necessitados. No v.8, Jó inescrupulosamente não questiona os poderosos que mantêm injustamente toda a riqueza em suas mãos (אִישׁ זְרוּעַ). A acusação que Elifaz levanta contra Jó é de praticar a injustiça contra as propriedades dos pobres. Ele está certo de que Jó, quando sentava no portão da cidade, julgava injustamente a causa dos pobres dando ganho de causa ao ricos, deixando de lado o que diz o direito dos pobres: *Não afligireis a nenhuma viúva ou órfão* (Ex 22,21). E que, por isso, o poderoso protegido pela lei arrancava suas cercas e invadia a *terra* (אֲרֶץ) do pobre para ali construir um pasto (Is 5,8; Jó 24, 2). O profeta Miquéias, falando contra os iníquos, acusa-os de tramar o mal em seus leitos e praticá-los ao amanhecer contra os pobres com o consentimento legal: *Porque está no poder de sua mão* (Mq 2,1c).

De acordo com Elifaz, as injustiças praticadas por Jó culminam no v.9 quando aparecem a *viúva* (אֵלְמְנָה) e o *órfão* (יָתוּם) paradigmas dos pobres. A crueldade de Jó acontece contra aqueles, que, por sua condição social e por direito legal, merecem proteção de todos⁵¹. Contra as *viúvas*, Jó é acusado de omitir o auxílio necessário, despedindo-as de mãos vazias. Contra os *órfãos*, ele é acusado de agir de maneira violenta, quebrando seus braços. A injustiça praticada contra o órfão e a viúva é considerada um crime de máxima crueldade, uma vez que perderam seu primeiro defensor jurídico. “Por isso, merecem, em

⁵¹ Matthias GRENZER. Análise poética da sociedade, p. 24.

todas as culturas do antigo Oriente, incluindo Israel, a assistência da comunidade maior e a caridade dos mais fortes”⁵². Agir contra esses princípios fundamentais do javismo é andar em contradição com a vontade de Iahweh que em toda a Bíblia hebraica é apresentado como o protetor dos órfãos e das viúvas. *Iahweh protege o estrangeiro, sustenta o órfão e a viúva* (Sl 68,9).

A maldade de Jó contra os pobres, de acordo com Elifaz, não tem fim. Expressando essa crueldade, o texto emprega dois verbos que denotam uma ação ativa. Às *viúvas despedias de mãos vazias*. O verbo *despedir* (שלח) aqui está no *piel* perfeito, predicado que ressalta o propósito de mandá-las embora. Contra os *órfãos*, Elifaz acusa Jó de agir de maneira violenta: *os braços dos órfãos quebravas* (רכא). O verbo רכא, por estar no *pual*, denota a postura passiva dos órfãos diante da truculência que sofriam. Quebrar os braços dos pobres órfãos é o mesmo que lhe arrebatar a única forma de sustento que possuem, por isso, é mais do que uma ofensiva física, é condená-los à marginalidade⁵³.

Jó se opõe à rota dos perversos. Ao contrário do que afirma Elifaz, ele é justo e íntegro precisamente porque é justo para os pobres. A afirmação de Jó contraria o princípio da teologia da retribuição temporal, que afirma que o sofrimento é fruto dos pecados praticados. Mas Jó, que se considera íntegro, sofre, por isso seu sofrimento é injusto. Ele considera que o sofrimento, a pobreza e o abandono não são uma fatalidade nem fruto do pecado pessoal, mas causados pelos ímpios que não têm amor ao próximo.

A atitude de Jó com os pequenos é uma configuração de sua vida com a lei e os profetas, pois se considera íntegro justamente porque cuida e atende o pobre⁵⁴. Na perícopé Jó 22,6-9, os pobres aparecem como vítimas da violência e Jó como agente dessa violência. Entrementes, os assassinos dos pobres acusam o pobre Jó de ser igual a eles, de

⁵² Matthias GRENZER. Análise poética da sociedade. p. 25.

⁵³ Samuel TERRIEN. Jó, p. 189.

⁵⁴ Gustavo GUTIÉRREZ. Falar de Deus a Partir do Sofrimento do Inocente, p. 73.

praticar a injustiça. Mas para Jó, a causa do pobre é sua e de Iahweh. Jó, que também é pobre e por isso sofre na pele o sofrimento imposto pelo ímpio, age de maneira solidária e fraterna, pois compartilha sua adversidade com todos os pobres. Ele também é injustiçado, quanto à causa da miséria e da dor. Os pobres encontram em Jó um signo de esperança e fé na pessoa humana e no próprio Deus.

1.7. Atos violentos contra os pobres (Jó 24, 2-4.9.14.21)⁵⁵

Dentre os textos de Jó sobre os pobres, destaca-se o capítulo 24. Nesse capítulo Jó, já saturado de tanto sofrimento, elabora um discurso dramático sobre a vida dos pobres: “provavelmente, a descrição mais abrangente da miséria dos pobres que se encontra em toda a Bíblia”⁵⁶. No capítulo 24, Jó apresenta uma contemplação pessimista da sociedade⁵⁷, rebatendo as acusações recebidas nos capítulos anteriores (20,10a.19a; 22,9) sobre seu comportamento ético frente aos pobres. “Jó percebe que a pobreza e o sofrimento ultrapassam seu caso e considera, que o sofrimento, não é uma fatalidade, mas é fruto dos malvados que, apesar disso, levam uma vida tranqüila e satisfeita. Essa percepção levará o autor de Jó à mais profunda e cruel descrição da miséria dos pobres que se encontra na bíblia, e a fazer uma dura acusação aos poderosos que espoliam e oprimem”⁵⁸.

O capítulo é composto de quatro unidades⁵⁹ 2-4; 5-15; 13-17; 18-24. Entrementes, aqui só serão abordados alguns versículos, aqueles que mencionam diretamente as categorias sociais marginalizadas, a saber, os versículos 2-4. 9. 14b. 21.

⁵⁵ O capítulo 24, apesar de sua importância não será discutido demoradamente, aqui será analisados alguns versículos onde o tema aparece de maneira evidente, também será discutido alguns versículos que fazem a função de ponte entre os versículos aqui transcritos.

⁵⁶ Matthias GRENZER. Análise poética da sociedade, p. 13.

⁵⁷ Luis ALONSO SCHÖKEL e José Luis SICRE DIAZ. Job, p. 359.

⁵⁸ Gustavo GUTIÉRREZ. Falar de Deus a Partir do Sofrimento do Inocente, p. 67.

⁵⁹ Matthias GRENZER. Análise Poética da Sociedade, p. 15.

גְּבֻלוֹת יִשְׁגּוּ עֵדֶר	2a	<i>Divisas deslocam,</i>
נִזְלוּ וַיִּרְעוּ:	2b	<i>um rebanho roubaram e pastorearam.</i>
חֲמֹר יִתּוֹמִים יִנְהֹגוּ	3a	<i>O jumento dos órfãos levam embora,</i>
יִחְבְּלוּ שׂוֹר אֵלְמָנָה:	3b	<i>penhoram o boi da viúva.</i>
יִטּוּ אֲבִיּוֹנִים מִדֶּרֶךְ	4a	<i>Desviam os pobres do caminho,</i>
יַחַד חֲבָאוּ עֲנִי־אֶרֶץ:	4b	<i>juntamente, os oprimidos da terra foram escondidos.</i>

Na primeira unidade (vv.2-4a), Jó descreve uma série de atos violentos contra os pobres. São quatro hemistíquios que põem em evidência os representantes dos miseráveis: *órfãos* (יְתוֹם), a *viúva* (אֵלְמָנָה), os *pobres* (אֲבִיּוֹן) e os *oprimidos* (עֲנִי). Os economicamente pobres estão paralelos aos bens: *terra* (אֶרֶץ), *jumento* (חֲמֹר) e *boi* (שׂוֹר), que são os meios econômicos que garantem a subsistência dos pobres⁶⁰. Nesses quatro meio-versículos, os pobres ocupam o núcleo da reflexão, não como sujeito, uma vez que esse está implícito⁶¹, mas como aqueles que sofrem frontalmente os atos violentos. Ao relatar o sofrimento dos pobres, o autor, além de fazer alusão ao seu próprio sofrimento, desvela o quadro social no seu contexto.

Os primeiros atos violentos contra os pobres estão relacionados ao roubo dos bens necessários para sua sobrevivência. *Divisas deslocam, um rebanho roubaram e pastorearam* (v.2). Esses atos levam a reflexão para o meio forense, onde os pobres, os que deviam receber proteção da lei, são lesados em seus direitos, tornando-se vítimas da desumanidade praticada pela jurisprudência. A lei (Dt 19,14; 27,17) proíbe a demarcação de terras, sobretudo, quando essas pertencem aos órfãos e às viúvas que são os mais pobres

⁶⁰ Luis ALONSO SCHÖKEL e José Luis SICRE DIAZ. Job, p. 359.

⁶¹ Sobre esse tema veja: Matthias GRENZER. Análise Poética da Sociedade, p. 19.

entre os empobrecidos (Pr 15,25; 23,10b). Por outro lado, a terra não é tida como uma propriedade particular, por isso um bem inalienável, uma dádiva divina⁶².

A outra propriedade dos pobres, que é defraudada, diz respeito ao seu *rebanho* (עֵרֶר). O rebanho é a base da economia doméstica e a garantia da sobrevivência de toda a família. Roubá-lo é extorquir o meio de subsistência de toda uma casa⁶³. No v.2b, o protagonista principal diz que o rebanho dos pobres é roubado e pastoreado, juntamente com o deslocamento de suas divisas, sendo reduzidos à miséria. Em situação de infortúnio, as categorias empobrecidas são emudecidas ficando à mercê da boa vontade da comunidade e da justiça.

O v.3 nos apresenta os grupos que mais sofrem com os violentos. A dupla *órfãos* (יְתוּם) e *viúva* (אַלְמָנָה), representantes dos fracos e indefesos⁶⁴, formam um conjunto com a dupla de animais; *jumento* (חֲמֹר) e *boi* (שׂוֹר)⁶⁵. Com isso, o autor principal, quer mostrar que o lugar social do órfão e da viúva é de marginalização total. As agressões impostas a essa dupla evidenciam seu cotidiano de sofrimento. Também revela a manipulação das leis (Ex 23,6) de proteção dos órfãos e das viúvas, transformando-as em leis inoperantes, fazendo do órfão uma hipoteca para suas apostas (6,27). Impressiona a bestialidade com que consideram os órfãos e as viúvas, os protegidos por Iahweh (Ml 3,5)⁶⁶, pois são tratados com todo desprezo possível, tendo seu rebanho e sua vida penhorada transformando os pobres em miseráveis.

⁶² A propriedade assegurava a sobrevivência de toda a família, seus limites chegam a ser sagrados na antigüidade. A lei e os textos sapienciais se ocupam com frequência da terra (cf. Dt 19,14; Pr 22,18). A terra é um bem (1Rs 21) inalienável que não podia ser vendida, pois é uma herança de Iahweh (1Rs 21).

⁶³ Matthias GRENZER. *Análise Poética da Sociedade*, p. 24.

⁶⁴ A dupla órfão e viúva representam as classes pobres (Dt 24, 17, Pr 22,18; 23,10). (Cf. Luis Alonso SCHÖKEL e José Luis SICRE DIAZ. *Job*, p 359. Geralmente o órfão e a viúva formam uma dupla nos textos da Bíblia hebraica. Cf. Dt 10,18;17,19;16,11; Sl 109,9; 99,6.

⁶⁵ A lei no Antigo Testamento também protege os animais mencionados em Jó 24,3. Cf. Dt, 5,21; 2,31; Ex 20,17; 22,8ss. Que também costumam aparecer juntos Cf. Gn 32,6;Ex 20,17;21,33; Dt 5,14.21, 1Sm 12,3; Is 1,3;32,20.

⁶⁶ Matthias GRENZER. *Análise Poética da Sociedade*, p. 26.

O v.4 introduz uma segunda dupla de marginalizados: os *pobres* (אַבְיֹן) e os *oprimidos da terra* (עַנְיֵי-אֶרֶץ)⁶⁷. Os pobres constituem um grupo de pessoas que podem ter perdido a terra de seus ancestrais (Ex 23,11), e, por isso, caíram em estado de miséria (Dt 15,7.9.11). Os oprimidos da terra constituem um grupo de aflitos, pessoas que viviam dia após dia em aflição constante, por serem desprotegidos e socialmente um grupo indefeso (Am 2,7). Ao se referir a essa dupla, o autor principal desvela o conflito social latente no texto.

No v.4a os *pobres são desviados de seus caminhos* (נָטָה). O uso do verbo na voz ativa denota uma ação física e evidencia a intenção de empurrar para fora da lei os pobres, a fim de negar-lhes o direito à justiça (Is 10,2). Ao lado deles aparecem os oprimidos da terra. Esse grupo, segundo o v.4b, é privado de seus direitos. Os oprimidos da terra devem ser *escondidos* (חָבְאוּ). “os pobres devem evitar os caminhos públicos e esconder-se”⁶⁸. Trata-se de ocultar a pobreza, “retirando os pobres do ambiente social, a caminho da inexistência social”⁶⁹. Rumo a um lugar onde o direito e a justiça não existem.

Ao fazer referência aos pobres, o autor principal de Jó revela sua sensibilidade pelas categorias sociais dependentes e exploradas e o inferno vivido por eles. Sua intenção é propor uma nova sociedade embasada no espírito da lei, superando, assim, a pobreza, que é fruto do abandono da revelação proposta por Iahweh.

יִגְזְלוּ מִשֵּׁד יָתוּם	9a	<i>Roubam, do peito materno, o órfão,</i>
וְעַל-עֵי יֶחֱבְלוּ:	9b	<i>E penhoram a criancinha do oprimido.</i>
וּבְלִילָה יִהְיֶה כְּנֶגֶב:	14b	<i>Mata o oprimido e o pobre.</i>

⁶⁷ A dupla: *pobres* (אַבְיֹן) e *oprimido* (עַנִּי) aparece 31 vezes na Bíblia hebraica.

⁶⁸ Luis ALONSO SCHÖKEL e José Luis. SICRE DIAS. Job, p. 359.

⁶⁹ Matthias GRENZER. Análise Poética da Sociedade, p. 30.

- 21a *Aquele que pastoreia a estéril, que não dá à luz,*
 21b *e a viúva, que ninguém trata bondosamente.*

A segunda unidade do capítulo 24 agregam-se os vv.5-12⁷⁰, que, também, abordam o tema sobre o destino dos empobrecidos. Nos vv.2-4a Jó narra os atos violentos; no v. 5 descrevia os pobres destituídos de seus direitos e tendo os seus bens confiscados; “o confisco total dos bens dos pobres e da mão-de-obra leva os sobreviventes a se subtraírem à vista das autoridades, e, apesar de todo esforço, os pobres sucumbem no trabalho, mas não conseguem alimento nem para si, nem para os seus filhos”⁷¹. Por isso, os pobres têm que se retirar e viver como *asnos selvagens* (v.5a), vagando entre as cavernas nas montanhas⁷². Lutam pela sobrevivência numa busca incansável de alimento para seus familiares⁷³. A estepe, região árida (Cf. Nm 22, 1; 26, 3; Dt 4, 49), tornou-se agora o lar dos pobres, onde sofrem em busca de seus alimentos e nunca se fartam (Jó 27, 14). Vivem sempre famintos e desnutridos pela escassez de alimentação substancial.

Os vv.6-8.10-12 tematizam a vida dos empobrecidos como trabalhadores famintos e sedentos. São pessoas, que apesar do trabalho duro, não ganham o necessário para a sua sobrevivência. Sua sorte é pior que a de um escravo, que recebe de seu senhor o alimento correspondente às necessidades elementares a sua existência⁷⁴.

Os vv.6.10b.11b tratam do trabalho no campo: *famintos, carregam o feixe, entre os muros deles espremem o azeite, pisaram os lagares e ficaram sedentos*. Os cinco hemistíquios narram o trabalho exaustivo dos pobres e ao mesmo tempo revelam, que

⁷⁰ Esses versículos não serão descritos aqui, pois não demonstram os atos violentos de maneira evidente.

⁷¹ Samuel TERRIEN. Jó, p. 198.

⁷² Em vários textos os asnos selvagens são apresentados como metáforas dos pobres (cf. Gn 16, 12; Eclo 13, 19; Os 8, 9). O asno selvagem pertence ao grupo dos animais que habita as estepes, que é um lugar quase desértico, por isso, consomem a maior parte de seu tempo em busca de alimento e água. *Ele envia a água das fontes aos vales: ela escorre entre as montanhas; dessedenta todos os animais dos campos, os asnos selvagens saciam sua sede* (Sl 104, 10-11).

⁷³ Samuel TERRIEN. Jó, p. 198.

⁷⁴ Samuel TERRIEN. Jó, p. 199.

apesar de tanto trabalho continuam sedentos e famintos, isto é, na miséria. Os empobrecidos trabalham e não comem; pisam os lagares, mas continuam famintos: *o insensato, com efeito, profere tolices e no seu coração medita o mal: ele age como ímpio e dirige a Iahweh blasfêmias, deixa o esfomeado com o estômago vazio e deixa sem bebida o que tem sede* (Is 32, 6).

O agressivo quadro da exploração chega ao apogeu no v.9, quando o autor cita a violência contra os mais indefesos da sociedade, as crianças: *Roubam* (רִיבְזוּ), *do peito materno, o órfão* (v. 9a), *e penhoram* (יִחַבְּלוּ) *a criancinha dos oprimidos* (v. 9b). O v. 9, segundo alguns autores, deve ser lido paralelamente aos vv. 2-4a que relatam os atos de violência contra os pobres⁷⁵, realçando ainda mais a violência sofrida por esse grupo.

O órfão é um dos paradigmas dos economicamente empobrecidos e que, por isso, é defendido pela lei e por Iahweh. Nesse contexto, o órfão é roubado e o oprimido penhorado. Os dois atos violentos sofridos pelos órfãos e oprimidos são condenados pela lei e punidos com o máximo rigor, até mesmo com a pena de morte⁷⁶. Entretanto, eles estão na ordem do dia dos malvados⁷⁷.

Os malvados além de roubarem os bens dos pobres, também os escravizam não se contentando, unicamente, com os seus bens e com o trabalho duro imposto sobre os empobrecidos e transformam os seus filhos em escravos e penhoram os oprimidos (Cf. Ex

⁷⁵ Esses autores encaixam o v.9 entre os vv.3-4 por tratarem do mesmo tema. Cf. Marvin POPE. Job, p. 118. Luis ALONSO SCHÖKEL e José Luis SICRE DIAZ. Job, p. 349. Samuel TERRIEN. Jó, p. 198.

⁷⁶ Em Dt 27, 4 o rapto de pessoas humanas é punido com a morte do raptor: *caso suceda que um homem cometa um rapto contra a pessoa de um de seus irmãos entre os filhos de Israel e venda suas vítimas para disso tirar proveito, o autor do rapto morrerá. Eliminarás o mal do teu meio* (Dt 24, 7). Cf. (Ex 21, 16).

⁷⁷ Quem são os malvados? A questão do sujeito nos vv. 5-12 continua velada nos verbos. Mas no v. 5b, o autor principal do livro de Jó deixa transparecer que o sujeito são os pobres. O mesmo acontece no v. 9. (Cf. Matthias GRENZER. Análise Poética da Sociedade, p. 46-47.)

21, 2-11; Dt 15, 12-18). “Trata-se agora do roubo e da penhora de seres humanos”⁷⁸ com a intenção de escravizá-los⁷⁹.

A violência atinge, também, os mais fracos, as crianças e os bebês. Os malvados só se preocupam com eles mesmos, não importa a idade das vítimas, mas sim o lucro que elas oferecem. Diante de tamanha violência só resta aos pobres gemidos e gritos por socorro (v.12a), *Deus, porém, não põe o chocante (sobre seu coração)* (v.12b), e, apesar de todo sofrimento, Iahweh não os escuta⁸⁰. A esperança dos pobres é frustrada. Deus parece sofrer de paralisia auditiva, não escuta seus clamores. O sentimento de abandono total, de miséria e sofrimento encontra sua expressão plena no momento em que os pobres se descobrem totalmente abandonados pelo próprio Deus⁸¹ que não intervém na história de maneira positiva.

Os v.13-17 continuam analisando a sociedade, a partir dos oprimidos, as vítimas do espiral de violência imposta aos enfraquecidos. A temática dessa unidade gira em torno do reino das sombras, onde os três pecados capitais: *assassinato* (14a), *roubo* (14c) e *adultério* (15a) caminham sem serem percebidos, porque, nas trevas, nem Deus, nem os homens enxergam⁸².

As vítimas são mencionadas no meio-versículo 14b: *Mata* (יִקְטֹל) *o oprimido* (עֲנִי) *e o pobre* (אֲבִיָּוָה). Este hemistíquio está vinculado aos versículos 2a-4a.9 que narram os atos violentos contra os economicamente pobres. Aqui a maldade chegou ao nível máximo, os pobres são friamente assassinados⁸³. Indo ao código da aliança que proíbe tal

⁷⁸ Matthias GRENZER. *Análise Poética da Sociedade*, p. 47.

⁷⁹ Luis Alonso SCHÖKEL e José Luis SICRE DIAZ. *Job*, p. 360.

⁸⁰ Essa afirmação de Jó está embasada em sua experiência. Ele fala com conhecimento de causa, seu sofrimento é intenso, mas apesar disso, Iahweh se mantém imóvel. Por outro lado, o silêncio de Iahweh, caminha na contra-mão da história de Israel; Iahweh é aquele que ouve o grito dos hebreus que sofrem nas garras do faraó e desce para libertá-los (Cf. Ex 3,7-10; Sl 22,25; Jn 2,3; Is 58,9).

⁸¹ Matthias GRENZER. *Análise Poética da Sociedade*, p. 52.

⁸² Luis Alonso SCHÖKEL e José Luis SICRE DIAZ. *Job*, p. 360. Marvin H. POPE. *Job*, p. 178.

⁸³ Matthias GRENZER. *Análise Poética da Sociedade*, p. 60.

assassinato (cf. Ex 20,13; Dt 5,17), Jó parece afirmar que os malvados, protegidos pelas sombras, assassinam os fracos, roubam e adulteram sem que Iahweh tome conhecimento (Eclo 21,18).

Os vv.18-24⁸⁴ formam a quarta unidade literária desse dramático capítulo 24. Nesses versículos, Jó “descreve o fim abrupto de um determinado grupo de pessoas”⁸⁵. Essa unidade continua o tema do versículo 12c, que declarou o silêncio de Deus: *Deus não põe o chocante (sobre o seu coração)*. É nesse contexto vital que Jó descreve o drama da *estéril* (עֲקָרָה)⁸⁶, e da *viúva*, as duas representantes femininas desse projeto violento contra os pobres. As conseqüências são dramáticas para essa dupla. Para a estéril, que é excluída por ser considerada impura, e a viúva, também sem filhos é dependente da previdência social do estado e da caridade das comunidades. Israel sempre acreditou que Iahweh era quem pastoreava o povo e, sobretudo, os pobres (Is 14,30.32).

O fato é que nesses dois hemistíquios o pastoreio não é positivo. As estéreis são atendidas e as viúvas, que deviam ser protegidas por todos, não são contempladas com o auxílio de Deus, mas, ao contrário, são abandonadas sem compaixão (Is 9,16). O fim dos pobres está decretado e Deus não se mexe para salvá-los⁸⁷. Deus abandonou os pobres.

⁸⁴ Esses versículos, por estarem carregados de teologia da retribuição, são atribuídos, por alguns autores, a Sofar e encaixados no capítulo 27 entre os versículos 8 e 9. (Cf. Luis Alonso SCHÖKEL e José Luis SICRE DIAZ. Job, p. 379.). Na Bíblia de Jerusalém, os versículos aparecem no discurso do Sofar logo após o versículo 23. Mas aqui, no entanto, não é adotada nenhuma dessas mudanças, uma vez que seguimos a proposta da BHS. Sobre esse tema veja a proposta de Matthias GRENZER. *Análise Poética da Sociedade*, p. 66.

⁸⁵ Matthias GRENZER. *Análise Poética da Sociedade*, p. 65.

⁸⁶ A mulher estéril compõe o grupo dos pobres uma vez que a segurança da mulher está em ter filhos que lhe garantam a posse da terra e impeçam que ela caia na marginalização. Cf. Gn 11,30; 16,1; Jz 13,2; 1 Sm 2,5; Sl 113,7ss.

⁸⁷ Matthias GRENZER. *Análise Poética da Sociedade*, p. 83.

Conclusões

Neste primeiro capítulo abordou-se o tema dos empobrecidos no diálogo entre Jó e seus interlocutores. O intuito inicial era explorar a complexidade estilística acerca dos pobres, desvelando, a partir de uma análise pormenorizada, a importância dos fracos no livro de Jó, bem como, seu comportamento ético frente aos temas sociais. No decorrer do texto verificamos os versículos mais relevantes acerca do tema, extraindo delas o teor social que carregam. Entrementes cada versículo foi demoradamente analisado a partir de seu contexto histórico e literário. Mas, vários vocábulos que aqui foram analisados voltarão a aparecer no capítulo seguinte.

Os pobres, no livro de Jó, ocupam um lugar central no debate entre os interlocutores. A cada novo ciclo que se inicia, os pobres deixam de ser meros coadjuvantes e passam a ser protagonistas dos diálogos. O primeiro texto abordado (Jó 3,17-20) teve como tônica a desigualdade social entre os *pequenos* e os *grandes*, revelando uma luta social entre as categorias, que segundo Jó só se findará no reino da morte. O capítulo 5 de Jó, apesar de ser uma fala de Elifaz, revelou que Iahweh é o auxílio dos fracos, e que a esperança é a única porta para os economicamente empobrecidos. A sorte dos pobres foi discutida a partir de Jó 6,21. Nesse texto, revelou-se a presença de dois projetos: o projeto da teologia da retribuição alicerçada nos dogmas clássicos e o projeto dos empobrecidos que tem como base a experiência de vida. Neste texto, Jó acusa seus interlocutores de ter um coração endurecido pela suas convicções teológicas e que, por isso, são capazes até de distorcer a própria lei para manter sua postura.

O cotidiano dos trabalhadores empobrecidos foi outro tema abordado. A partir do versículo doze do capítulo sete, Jó desvendou a vida dos pobres trabalhadores, que apesar

de tanta fadiga, não conseguem o necessário para sobreviver com sua família. Os trabalhadores aqui são comparados a escravos.

O capítulo 22 é um texto dramático contra a ética de Jó. Nele foram estudados os versículos 6-9. Aqui Jó é vítima das acusações falsas de Elifaz, que afirma que o sofrimento de Jó é fruto das injustiças cometidas por ele contra os pobres. O texto culminou com a verificação do capítulo 24, que é o mais dramático sobre os pobres no diálogo entre Jó e seus interlocutores. O texto parece um olhar pessimista da sociedade, entretantes é uma incriminação das mais dramáticas que aparece em toda a Bíblia hebraica.

Ao findar esta unidade, faz-se mister recordar que o contexto social em que os pobres vivem é de extrema crueldade, e que Jó, como justo juiz, ininterruptamente se portou de acordo com os ditames de Iahweh, sendo capaz de ouvir o clamor dos pobres. O grito dos pobres é relatado, de maneira dramática em Neemias: *Levantou-se uma grande queixa entre os homens do povo e suas mulheres contra seus irmãos, os judeus. Uns diziam: “Somos obrigados a penhorar nossos filhos e nossas filhas para recebermos trigo, para podermos comer e sobreviver.” Outros diziam: “Temos que empenhar nossos campos, vinhas e casas para recebermos trigo durante a penúria.” Outros ainda diziam: “Tivemos que tomar dinheiro emprestado penhorando nossos campos e vinhas para pagarmos o tributo ao rei; ora, temos a mesma carne que nossos irmãos e nossos filhos são como os deles: no entanto, temos que entregar à escravidão nossos filhos e filhas; e há entre nossas filhas algumas que já são escravas! Não podemos fazer nada, porque nossos campos e nossas vinhas já pertencem a outros”* (Ne 5,1-5).

CAPÍTULO II

NO DIÁLOGO COM DEUS

2.1. Estrutura do monólogo de conclusão

Dentro desta unidade, o último e o maior discurso de Jó⁸⁸, encontram-se algumas perícopes que descrevem o drama social, tema fundamental desta pesquisa. Esta unidade é composta pelos capítulos 29-31 e é denominada monólogo de conclusão, pois além de finalizar o ciclo dos discursos poéticos, faz paralelo com o capítulo três, chamado de monólogo de introdução⁸⁹. Os dois monólogos formam a moldura interna do diálogo poético⁹⁰.

Outra característica desta unidade é que ela faz um paralelo entre os capítulos 29-31 com os 22-27 nos quais as questões sociais são debatidas de maneira sistemática, sobretudo no capítulo 24 que fora comentado anteriormente. Essa particularidade vincula o

⁸⁸ O monólogo de conclusão contém 96 frases.

⁸⁹ Gustavo GUTIÉRREZ. Falar de Deus a Partir do Sofrimento do Inocente, p. 76.

⁹⁰ Henri TERNAY. O livro de Jó, p. 207.

monólogo final ao bloco do diálogo poético, uma vez que a tônica dos capítulos 29-31 é a conduta ética de Jó frente aos empobrecidos.

Os capítulos formam uma unidade literária na forma e no tema. Quanto à forma, há neles duas particularidades que corroboram para uma unidade coesa. A primeira, a moldura externa, é formada pela presença de duas fórmulas indicativas do fim e do começo do texto. No capítulo 29, o autor emprega uma fórmula de introdução: *Jó continuou a exprimir-se em sentenças e disse: (וַיִּסַּף אִיּוֹב שְׂאֵת מוֹשְׁלוֹ וַיֵּאמֶר)*⁹¹ (v. 29,1) e no v.40b do capítulo 31, o monólogo é concluído, declarando o silêncio de Jó: *Fim das palavras de Jó (תָּמנוּ דְּבַרֵי אִיּוֹב)*. A segunda particularidade que ratifica a unidade interna desse bloco está na disposição das estrofes. São 18 estrofes organizadas de maneira crescente. A cada novo capítulo duas estrofes são acrescentadas. O capítulo 29 é formado por quatro estrofes. Já o capítulo 30 por seis e o 31 por oito estrofes⁹².

A unidade temática está na organização coerente dos capítulos. Neles, Jó descreve sua prosperidade passada e sua desgraça presente: “seu passado e as exigências de Deus e o significado do serviço aos pobres”⁹³. O capítulo 29 recorda a vida passada de Jó, seu tempo de felicidade diante da sociedade e de Deus⁹⁴. Essa característica literária é visível no v. 2: *Quem me dera: como nos velhos tempos! (מִי־יִתְּנֵנִי כִּי־רַחֵי־קֶדֶם)* que relembra os feitos éticos de Jó e o respeito que ele gozava na sociedade.

O capítulo 30 coloca Jó diante de sua tribulação atual. O texto inicia com uma partícula adverbial temporal: *e agora (וְעַתָּה)*, sua finalidade é trazer Jó para os tempos

⁹¹ Essa fórmula é repetida somente no início do capítulo 27. Nos demais capítulos é mais comum a formulação: *E respondendo, disse Jó (וַיֹּאמֶר)*.

⁹² Cf. 29,2-6;7-11;12-17;21-25. 30,1-2; 3-8; 9-15;16-23; 24-26; 27-31. 31,1-4; 5-8; 9-13; 14-18; 19-23; 24-28; 29-34; 35-40. Samuel TERRIEN. Jó, p. 222-240.

⁹³ Gustavo GUTIÉRREZ. Falar de Deus a Partir do Sofrimento do Inocente, p. 76.

⁹⁴ *Maldito o dia do meu nascimento, e a noite que anunciou: é um varão (3,3)... Para mim não há tranquilidade, fim, repouso, só o tormento me visita (3,26). Quem me dará quem me escute? Eu me subscrevo! Responda o poderoso! (31,35a)*

hodiernos. Na terceira parte, composta pelo capítulo 31, Jó advoga em causa própria, tecendo um discurso apologético sobre seu comportamento ético e sua integridade⁹⁵.

Os textos e as perícopes que aqui serão interpretadas fazem parte dessa unidade literária, de modo que é impossível fazer uma abordagem sem remeter ao seu contexto vital. No capítulo que segue, o escopo é desenvolver uma leitura exegético-teológica acompanhando as perícopes em sua disposição presentes na Bíblia hebraica, observando sua beleza poética e literária, bem como a postura ética do personagem principal frente às questões sociais.

O texto será organizado em três partes. Na primeira, vemos as obras de caridade desenvolvidas por Jó, que é o *pai dos órfãos* (Jó 29, 12-17). Na segunda, Jó se apresenta como aquele que estende as mãos para os pobres (Jó 31,24-25). No terceiro momento, Jó apresenta suas obras sociais como sua defesa diante de Deus e dos seus acusadores (Jó 31,13.16-17).

2.2. Defensor dos pobres (Jó 29,12-17)

Os v.12a-17b compõem a estrofe mais significativa do capítulo 29. Neles, Jó, no tribunal da cidade, relembra suas obras de caridade em sua defesa e a dos pobres. Com isso se contrapõe às acusações de Elifaz (22,5-11). Entrementes, Jó não menciona o nome de Elifaz no início do discurso, mas relembra a postura favorável dos notáveis e de toda a cidade, quando ele discursava no tribunal. Se todos o homenageavam, é porque a sua postura no tribunal era uma certeza de que o *direito* e a *justiça* seriam praticados⁹⁶.

Nessa estrofe, os economicamente empobrecidos aparecem como sujeitos passivos das obras de caridade praticadas por Jó, sujeito ativo do texto. A perícope forma uma

⁹⁵ Luis Alonso SCHÖKEL e José Luis SICRE DIAZ. Job, p 408. Henri de TERNAY. O livro de Jó, p. 207.

⁹⁶ Henri de TERNAY. O Livro de Jó, p. 212.

unidade coesa tanto na forma quanto no conteúdo. A temática sobre os pobres é abordada de maneira objetiva em todos os hemistíquios e evidencia a conduta ética de Jó frente às categorias sociais. Jó é mais do que um defensor, pois cuida dos empobrecidos como o pai/mãe cuida de seus filhos (Os 11,1-8). Quanto à forma, o texto parece culminar no hemistíquio 16a, que se destaca tanto na forma gramatical, pois se trata de uma frase nominal, quanto no conteúdo, pois se trata de um hemistíquio de forte teor social.

A temática central nessa estrofe é a justiça social. Para Jó, personagem principal, ser o defensor dos pobres não é um ato de piedade, mas um imperativo ético, um cumprimento perfeito da *Torah* que está elaborada a partir do binômio do *direito* e da *justiça*. Por isso, não defender a causa dos pobres não é meramente um ato de indiferença social, mas uma violação do direito e da justiça. É por ser o *defensor* dos pobres que Jó é considerado o *redentor* (גֹּאֲל) dos enfraquecidos⁹⁷.

כִּי־אִמְלֹט עֲנִי מִשׁוּעַ	12a	<i>Pois eu livrava o oprimido [que] pedia socorro,</i>
וַיְהִי־לִּי וְלֹא־עֹזֵר לִּי:	12b	<i>e [o] órfão que não [tinha] proteção [auxílio] para ele.</i>
בְּרַפְתָּ אֲבֵר עָלַי תְּבֵא	13a	<i>[A] bênção [do] perdido veio sobre mim,</i>
וְלֵב אֶלְמִנָּה אֲרַנֶּן:	13b	<i>e [o] coração da viúva eu enchia de júbilo.</i>
צִדֵּק לְבַשְׁתִּי וַיִּלְבַּשְׁנִי	14a	<i>Vesti [de] justiça e ela me vestia</i>
כְּמַעִיל וְצִנִּיף מִשְׁפָּטִי:	14b	<i>meu direito [era] o manto e o turbante.</i>
עֵינַיִם הָיִיתִי לְעֹר	15a	<i>eu era os olhos para o cego,</i>
וְרַגְלַיִם לְפֶסֶחַ אֲנִי:	15b	<i>eu era os pés para o coxo.</i>
אֲבִי אֲנִי לְאֲבִיוֹנִים	16a	<i>Eu [era] pai para os pobres</i>
וְרַב לֹא־יָדַעְתִּי אֶחְקְרֶהוּ:	16b	<i>Do desconhecido examinava a causa.</i>
וְאֶשְׁבְּרָה מִתְלַעֲוֹת עֹגֵל	17a	<i>Eu quebrava [as] mandíbulas do malvado,</i>
וּמִשְׁנָיו אֶשְׁלִיף טַרְף:	17b	<i>e de seus dentes arrancava a presa.</i>

⁹⁷ Luiz Alexandre SOLANO ROSSI. A Falsa Religião e a Amizade Enganadora, p. 139-140.

Os dois primeiros versículos (12a-13b) constroem um paralelo expressivo entrelaçando a postura de Jó e a vida dos empobrecidos. Nos dois meios-versículos 12a-12b, Jó se apresenta como (אֲמִלֵּט) *aquele que livra* a (נִפְּשׁ) a *vida* do (עָנִי) *oprimido* e do (יְתוֹם) *órfão* das garras do (עָרֵל) *malvado* (2Sm 19,6; 1Rs 1,12; Jr 48,6; Am 2,14s). O verbo מִלֵּט⁹⁸ é aqui conjugado no piel para enfatizar a ação de Jó como o libertador dos aflitos e como aquele que põe a salvo (1Sm 27,1; Is 36,2) a vida dos *oprimidos*, libertando-os das amarras da morte (1Sm 19,11; 23,13). Nesse versículo, Jó compara-se aos profetas (Is 31,5) e a Iahweh que é o libertador, aquele que põe a salvo os fracos: *Eles gritavam a ti e escapavam, confiavam em ti e nunca se envergonharam* (Sl 22,6)⁹⁹.

Os grupos dos empobrecidos aparecem paralelamente nos termos עָנִי e pelo יְתוֹם. O termo עָנִי, presente em mais de noventa e sete vezes na Bíblia hebraica, expressa a miséria em suas distintas formas, desde a aflição até a opressão, destarte seu significado básico está relacionado àquele que sofre fisicamente, por questões econômicas ou por opressão social. O termo aparece sobretudo nos salmos (Sl 9,14;25,31; 44,25;88,10; Lm 1,3.7.9 e Jó 10,15;30,16.27;37,8), expressando tanto a miséria individual como a miséria coletiva, bem como a preocupação de Iahweh em libertá-los (Gn 16.11;29,32;Ex 3,7,17; Dt 26;Sl 9,14). O vocábulo é oriundo do verbo עָנָה que significa opressão imposta ao inimigo (Gn 16,6) e aos indefesos (Ex 22,22).

Nesse contexto, o *oprimido* é alguém que vive à espera de socorro e tem Deus como único defensor (Ex 22,24; Is 3,15; 49,13; Sl 72,24). A grande aflição vivida pelo עָנִי é econômica, por isso pede *auxílio* (מִשְׁׁרָע) vivendo basicamente de esmola (Dt 15,11). Por outro lado, defender a causa do oprimido não é, para Jó, somente um ato de piedade, mas é

⁹⁸ No Primeiro Testamento Deus é frequentemente sujeito da libertação (Cf. Sl 33,17; 82,4; 17,13; 31,2; 71; 2,4; 22,5; 40,18; 70,6).

⁹⁹ Cf. Jó 22,30

um pleno cumprimento da lei (Pr 22,22; Ez 18,16), pois quem oprime o fraco é considerado ímpio (Pr 14,21; Is 58,7).

Paralelo ao *oprimido* está o *órfão* (יָתוֹם) um dos paradigmas dos pobres. O órfão está associado a uma classe desvalida e destituída dos bens necessários para sua sobrevivência. O órfão, assim como a viúva, não goza mais do conforto e da proteção de sua família, de seus defensores públicos, e por isso são vistos como pessoas desafortunadas¹⁰⁰. No entanto, gozam de proteção por parte da lei (Dt 24,17-19) e de Iahweh que é visto como o protetor dos órfãos e das viúvas (Dt 10,18). Iahweh é conhecido como o *pai dos órfãos* (אֲבִי יָתוֹמִים) (Sl 68,6).

Nos dois meio-versículos 13a-13b, Jó desvenda a postura agradecida dos pobres diante de suas obras de caridade: [A] *bênção do perdido veio sobre mim (13 a)*, [o] *coração da viúva eu enchia de júbilo (13b)*. A recompensa de Jó está em receber a bênção dos *pobres* (אֲבָרָה) e em presenciar a alegria das *viúvas* (אֵלֵּי מְנָה). Os *perdidos* compõem um grupo economicamente ameaçado que vive errante pelas cidades (Dt 26,5) sem ter morada fixa. É um grupo desesperançado e que pela força da injustiça extraviou-se do caminho da justiça (Am 2,14), tornando-se vagabundo (Pv 6,10). Jó, por ser um homem justo e íntegro (Jó 1,1), defende aqueles que se perdem evitando que eles pereçam¹⁰¹. Ao ser *abençoado* pelos fracos, Jó coloca-se como servidor, uma vez que a *bênção* (בְּרִכָּה) é uma prerrogativa do maior sobre o menor (Gn 49, 1Rs 8,14). Ao mesmo tempo reconhece que a bênção vem de próprio Deus, pois somente em seu nome alguém pode abençoar (1Sm 25,33; 26,25; Pr 10,6; 11,26; Ecl 7,31)¹⁰².

¹⁰⁰ Matthias GRENZER. *Análise Poética da Sociedade*, p. 25.

¹⁰¹ Luis Alonso SCHÖKEL e José Luis SICRE DIAZ. *Job*, p. 416.

¹⁰² Luis Alonso SCHÖKEL e José Luis SICRE DIAZ. *Job*, p. 416.

Jó, também, enche de gritos de *júbilo* (אֲרִנָּה) o *coração* (לֵב) da *viúva* (אֵלְמִנָּה). A *viúva*¹⁰³ juntamente com o *órfão* formam uma dupla paradigmática dos empobrecidos. São pessoas indefesas, pobres e abandonadas dentro da comunidade em que vivem, por isso, desde o Israel primitivo recebem atenção especial de Iahweh que ouve seu clamor (Ex 22,22) e exerce a justiça em benefício dos fracos (Dt 10,18;Sl 68,6;146,9). O órfão e a viúva, também, são protegidos pela lei que chega a amaldiçoar quem viola seus direitos(Dt 27,17.21)¹⁰⁴, pois oprimir a viúva era um gesto de maior crueldade (Sl 94,6; Is 10,2).

No tribunal, Jó, como juiz, se porta como Iahweh, sempre atuando na causa dos mais necessitados e exercendo a justiça em seu favor. É por isso que a alegria dos empobrecidos testemunha sua integridade diante das acusações de Elifaz que havia afirmado que Jó *despedia as viúvas sem o auxílio necessário* (Jó 22,9).

A glória de Jó e sua defesa não estão alicerçadas na prática impecável dos rituais como gostariam seus interlocutores, mas em suas obras de misericórdia¹⁰⁵ em prol dos mais pobres. É por isso que ele encarnou em sua conduta as exigências feitas por Iahweh para que o rei governe com sabedoria. De acordo com o salmo 72, o governante ideal é aquele que *liberta o indigente que clama e o pobre que não tem protetor; tem compaixão dos fracos e dos indigentes, e salva a vida dos necessitados* (Sl 72,12-13). O poder do rei está em ser justo e misericordioso com os fracos que ele deve defender da opressão e da violência dos malvados. Jó, no tribunal, está no lugar do governante justo e, ao defender os fracos, ele reflete em sua ação o agir de Iahweh. No interior de sua conduta está a prática

¹⁰³ Geralmente a אֵלְמִנָּה aparece em conexão a uma série de pessoas que, como ela, sofrem a mesma sorte. O paralelo mais comum é entre o estrangeiro o órfão e a viúva. (Cf. Zc 7,10; Dt 27,19; Ml 3,5; Dt 14,26,12. Dt 16,11-14; 24,17;19,21; Jr 7,6; Ez 22,7).

¹⁰⁴ Cf Dt 14,29;16,11-14;24,17.19-21;26,12-13;27,19;Ez 22,7; Zc 7,10; Ml 3,5;Sl 94,6.

¹⁰⁵ Luis Alonso SCHÖKEL e José Luis SICRE DIAZ. Job, p. 416.

da misericórdia e a justiça de Deus para os fracos e sua reverência à dignidade dos seres humanos¹⁰⁶.

O v.14 está estilisticamente elaborado de maneira poética. Nele aparecem dois termos-chave na Bíblia: *justiça* (צֶדֶק) e *direito* (מִשְׁפָּטִי)¹⁰⁷, necessidades básicas de qualquer sociedade. Os dois vocábulos funcionam como a moldura externa nos dois hemistíquios, característica que realça a importância dos substantivos. O verbo לבש está conjugado no *qal* perfeito como a maioria dos verbos dessa perícope. O hemistíquio 14b é uma frase nominal, particularidade que se repetirá no versículo 16a.

Os substantivos מִשְׁפָּטִי e צֶדֶק são duas palavras importantes, no entanto é difícil perceber todo o seu significado na língua portuguesa. O primeiro se traduz geralmente por *justiça/direito*, o outro por *justiça/retidão*. O substantivo מִשְׁפָּטִי está mais ligado à justiça do tribunal. Já צֶדֶק vai além, superando a sentença do tribunal, e está mais intimamente ligado ao ato de misericórdia¹⁰⁸. Os dois substantivos nivelam todos os israelitas durante um processo. Se houver pressão e ameaças por parte daqueles que têm poder, o juiz deve ouvir atentamente todos e, sem amedrontar-se (Dt 1,17), agir sem distinção, igualando todos perante a lei e o direito. É Deus quem dá a sentença. É ele o ponto de referência. Se a sentença do juiz não for conforme a sentença de Deus, não há *justiça* (צֶדֶקָה) Portanto, para haver צֶדֶקָה, é preciso agir de acordo com a lei de Deus. E para que isso aconteça é fundamental agir conforme está estabelecido no direito dos pobres (Dt 24,5-22), protegendo os órfãos, viúvas e estrangeiros, paradigmas dos empobrecidos. “O significado mais freqüente deste binômio é o afã de recobrar, no futuro, o direito calculado, mais especialmente do pobre e do desvalido, isto é, o direito daqueles que não têm por si

¹⁰⁶ Artur WEISER. Os Salmos, p. 378.

¹⁰⁷ Gustavo GUTIÉRRES. Falar de Deus a Partir do Sofrimento do Inocente, p.77.

¹⁰⁸ Nesse texto utilizaremos uma tradução simplificada interpretando מִשְׁפָּטִי por *direito* e צֶדֶק *Justiça*.

mesmos meios de recobrá-los no futuro. Quem tem poder não precisa de ninguém para garantir seus direitos. Mas os fracos, o órfão, a viúva e o estrangeiro, trilogia clássica na Bíblia para nomear os pobres (vv.12-13), nunca poderão recuperar seus direitos se não tiverem quem os ajude”¹⁰⁹.

O meio-versículo 14a ressalta a importância de צֶדֶק, vocábulo que aparece quinhentas e vinte e três vezes na Bíblia hebraica, e na maioria das vezes designa o comportamento justo e misericordioso que deve pautar os relacionamentos entre o rei¹¹⁰ e os súditos. A tarefa do rei¹¹¹, como o administrador da *justiça* (2Sm 8,15; 1Rs 3,6; 10,9), é manter o *direito* (דִּישָׁפֶטִי).

O texto utiliza um jogo de palavras com a raiz verbal לבש, que significa *vestir-se*. Esse verbo dá beleza estilística ao hemistíquio e defende Jó das acusações a ele feitas por Elifaz em Jó 22, 9. Jó, ao revestir-se de justiça e ser por ela revestido, comprova que suas ações são conduzidas pelo seu senso de *justiça/misericórdia* que lhe permite proteger os pequenos contra as investidas dos grandes¹¹².

Ao ser revestido de *justiça*, ele toma consciência de que promovê-la é promover a vida dos fracos. É ser o defensor e protetor dos pobres, função creditada ao rei messiânico que faz justiça na causa dos pobres, salva os indigentes e esmaga os opressores (Sl 72,24). Pois o poder do rei deriva da justiça, atributo de Iahweh (Sl 119,142). O governante justo tem como tarefa suprema manter o *direito* e a *justiça* para todo o povo (2Sm 8,15; Dt 33,21; 1Rs 10,9; Ez 45,9). Entrementes, o rei só é justo se defender veementemente os indefesos, intervindo nos processos judiciais levantados contra eles (2Sm 15,4).

¹⁰⁹ Gustavo GUTIÉRRES. Falar de Deus a Partir do Sofrimento do Inocente, p.77.

¹¹⁰ A capacidade de administrar com justiça é uma qualidade pessoal que devia ser encontrada no rei, que é a fonte da lei e o administrador da justiça. (Cf. 2 Sm23,3; Pr 16,2; 25,5; Sl 45,8; Jr 22,15)

¹¹¹ Cf. Sl 72,1-3; Is 9,6; 11,4-5; 16,5; Jr 23,5; 33,15; Ez 45,9

¹¹² Henri de TERNAY. O Livro de Jó, p. 213.

Vestir-se de justiça é o mesmo que se vestir de Iahweh (Sl 132,9; 119,142; Dt 24,10-13; Jó 22,6). É não permitir que as categorias empobrecidas, o órfão, a viúva e o estrangeiro, sejam injustiçadas. Isso faz com que a lei que tem como princípio a misericórdia e o comportamento de solidariedade para com os fracos (Ex 22,20-26; Sl 15,6; Os 2,21; Sl 111,35; 112,4; 116,5) não seja burlada visando a interesses que lesem a vida dos pequenos.

O hemistíquio 14b faz um paralelo sintético ao 14a, vincula os substantivos צֶדֶק e מִשְׁפָּטִי e os vocábulos לְבַשׁ e מְעִיל e forma um campo semântico-jurídico, uma vez que esses vocábulos freqüentemente estão presentes em textos de ordem jurídica¹¹³. O substantivo צֶדֶק chama o substantivo מִשְׁפָּטִי¹¹⁴, pois se trata de dois termos essenciais na Bíblia. São duas virtudes fundamentais sobre as quais está baseada a vida social, política e jurídica em Israel (2Sm 8,15; Is 9,6). Estabelecê-las é uma das prescrições bíblicas mais exigentes (Gn 18,19), uma vez que “a justiça e o direito não podem ser promovidos abstratamente, mas em relação com a situação desumana que vivem os órfãos, as viúvas e os estrangeiros”¹¹⁵.

Outro paralelo está no vínculo semântico entre צֶדֶק e מְעִיל. Os termos fazem parte da lei social prescrita no direito dos pobres (Dt 24,10-13; Ex 22,25-26) que proíbe a penhora do manto dos pobres, porque isso seria o mesmo que lhe retirar a vida (Dt 24,17). O manto, pela lei, é visto como sinal de dignidade, por isso condena a sua penhora.

¹¹³ Os substantivos צֶדֶק e מִשְׁפָּטִי formam um paralelo fundamentalmente em textos de ordem jurídicas, essa ligação estreita entre os dois termos existe também no acádico *kittun u misarum*, que indica uma ordem jurídica em sentido mais jurídico. Cf. Eckart OTTO. Justiça, In Johannes B. BAUER. Dicionário Bíblico-Teológico, p. 223.

¹¹⁴ O Substantivo מִשְׁפָּטִי é freqüente na Bíblia aparecendo mais de 400 vezes, e expressa a idéia sobre o significado do governar tendo como paramento a justiça. Todo מִשְׁפָּטִי tem como sujeito Iahweh (Dt 1,17; Pv 16,33) e todo ser humano por ser imagem e semelhança de Deus, possui מִשְׁפָּטִיִּם que são garantidos pela lei. Cf. Henri de TERNAY. O Livro de Jó, p.213.

¹¹⁵ Gustavo GUTIÉRREZ. Falar de Deus a Partir do Sofrimento do Inocente, p. 77.

Defende o direito da viúva, do órfão e dos pobres (Dt 24,10-13; Jó,22,6), e obriga a sua devolução do manto até o fim da tarde, mesmo quando era retirado como penhora e o endividado ainda não tivesse quitado sua dívida. Jó, no tribunal, localizado no portão da cidade, faz valer o direito dos pobres e legisla em conformidade com o código de defesa dos empobrecidos.

O paralelo existente entre מְשֻׁפָּטִי e צְנִיף alicerça o conteúdo jurídico dos termos. O termo *turbante* (צְנִיף)¹¹⁶ é um sinal de realeza, é um distintivo que o sumo sacerdote utilizava sobre a cabeça como signo de sua dignidade sacerdotal. Praticar a *justiça* e o *direito* é obrigação daquele que tem o *turbante* sobre a cabeça, por isso o paramento de Jó é o *manto da justiça* (מְעִיל צְדָקָה) (Is 61,10; 51,17) e sobre a sua cabeça está enrolado o *turbante* (צְנִיף) como sinal de dignidade e de respeito que seus concidadãos tem por ele, sobretudo os empobrecidos.

O v.15 apresenta os portadores de deficiência física como outra classe de pessoas marginalizadas, e por isso empobrecidas¹¹⁷. As doenças e as deficiências físicas no Antigo Oriente e em Israel eram comuns. As precárias condições higiênicas, sanitárias e medicinais eram causa de pestes que reduziam drasticamente a população e de doenças que levavam a lesões físicas permanentes. A isso se somavam as freqüentes guerras por parte dos impérios e a deficiente alimentação, desnutrindo grande parte da população e tornando-as alvo de doenças. Por isso, as doenças e as deficiências físicas não eram raras, mas um problema social, uma vez que os doentes e os deficientes estavam, devido à organização social vigente, destinados à pobreza e à mendicância¹¹⁸.

¹¹⁶ O termo צְנִיף aqui está traduzido como *turbante* porque deriva da palavra צָנַף (Lv 16,4; Is 22,18) que significa enrolar.

¹¹⁷ Lv 21,18-20 apresenta uma lista das deficiências existentes na época do Antigo Testamento; enumerando o cego, coxo, desfigurado, deformado, fraturas ósseas nos braços e nos pés, corcunda, anão, eunuco, pragas purulentas, darto e a belida no olho. Ver também Lv 13.

¹¹⁸ Nelson KILPP. Deficientes Físicos no Antigo Testamento. In. Estudos Bíblicos n. 27, p 39.

Os dois hemistíquios do versículo 15 estão elaborados poeticamente formando um paralelo entre os membros principais do versículo. No hemistíquio 15a, Jô se apresenta como os עִינִים para os עֵר. A cegueira era uma deficiência comum no antigo Oriente Médio¹¹⁹, aparecendo cerca de trinta vezes na Bíblia. O primeiro Testamento fala diretamente da cegueira, além disso muitas vezes fala sobre a dificuldade de ver (Gn 48,10). De se turvarem os olhos (Gn 27,1). Do seu apagar-se (Lv 26,16). Na lista das maldições aparece a cegueira como uma das punições (Dt 28,28s). Destarte, a Bíblia conhece algumas formas de cegueira: a oftálmica, uma doença transmitida por moscas, agravada pelo brilho do sol e pela poeira (Gn 29,17), e a cegueira senil agravada pela idade (Gn 27,1; 1Sm 4,15; 1Rs 14,4). Também havia muitos casos de cegueira causada pela guerra (2Rs 25,7; Jr 39,7; 1Sm 11; Jz 16,21). O vocábulo עֵר também é utilizado de maneira metafórica para designar uma pessoa ou até mesmo Israel na sua vulnerabilidade e insensibilidade moral que era vista como cegueira (Is 56,10; Lm 4,4; Is 42,19; 43,8).

O substantivo עִינִים aparece formando um paralelo com o *cego*. Os olhos eram um dos órgãos mais importantes¹²⁰. Como órgão da visão, representa todo o processo de ver e, por extensão, de compreender e obedecer, expressando o caráter e o íntimo do ser humano. Ver é uma das atribuições que a Bíblia considera como própria de Iahweh¹²¹. É Ele que vê os empobrecidos com os olhos da misericórdia, e é por isso que sua postura ética está em defender os cegos, cumprindo a lei que coloca os cegos sob proteção especial da lei (Lv 19,14; Dt 27,18).

Eu era os pés para o coxo (וְרַגְלִים לַפֶּסֶחַ אָנִי). O *coxo* (פֶּסֶחַ) é o representante dos portadores de deficiências físicas mencionados no hemistíquio 15b. O termo abrange todo

¹¹⁹ John L. MCKENZIE. Dicionário Bíblico, p. 158.

¹²⁰ O vocábulo עִינִים é o modo de percepção mais freqüentemente citado na bíblia aparecendo 866 vezes. Cf Silvia SCHROEDER e Tomas STAULI. Simbolismo do Corpo na Bíblia, p. 149.

¹²¹ Silvia SCHROEDER e Tomas STAULI. Simbolismo do Corpo na Bíblia, p. 148.

e qualquer tipo de dificuldade de locomoção, desde o pé-torto ou membros inferiores desproporcionais, até a paralisia total das pernas, que podia atingir tanto idosos como jovens, pobres e até reis (2Sm 9; 1Rs 15,23; 2Sm 4,4; Lv 21,19; 1Rs 22,35).

Paralelo a פֶּסַל está o substantivo רֶגֶל que significa tanto os pés humanos como os divinos (Ex 24,10). Jó tem consciência de que servir de pés para o coxo é uma obrigação da pessoa que teme a Deus, encarnando em suas ações obras de caridade que amenizem o sofrimento dos doentes e dos portadores de deficiências físicas. Ao solidarizar-se com os empobrecidos pela deficiência e pelas doenças, ele age como os príncipes justos, que por serem líderes políticos devem ser os primeiros a carregar o peso dos outros, ocupando-se de cada um dos habitantes da cidade, mas acima de tudo devem ser os defensores dos portadores de deficiências e protetores dos pobres e indigentes (Is 35,5-6)¹²².

O compromisso em favor dos portadores de deficiências físicas é amplamente discutido na lei e nos profetas. O Livro de Deuteronômio (27,15-26) lista as maldições proferidas solenemente pelos levitas e aclamadas pela comunidade reunida. As maldições vão em duas direções que não são opostas, mas se complementam, declarando malditos aqueles que cometem delitos sociais e sexuais¹²³. Entre os delitos sociais, o v18 de Deuteronômio 27, está relacionado aos deficientes: *Maldito seja aquele que extravia um cego no caminho*. A maldição parte do pressuposto que o cego depende da orientação de um guia para se locomover com segurança, e desviá-lo de seu caminho é tão grave quanto infringir o direito dos pobres (Dt, 27,19). Nos livros proféticos, os portadores de deficiências físicas são mencionados nos ditos que prenunciam o futuro (Is 29,18ss; 42,6;

¹²² Luis Alonso SCHÖKEL e José Luis SICRE DIAZ. Job, p. 416.

¹²³ Os delitos sociais são seis: desonrar os pais, deslocar fronteiras, perverter o direito dos pobres (estrangeiro, órfão e a viúva), ferir às escondidas o próximo, aceitar suborno para matar. Os delitos sexuais são quatro: Manter relações sexuais com a mulher do pai, com a meia-irmã, com a sogra ou com animais. As maldições estão emolduradas por duas leis relacionadas ao culto: A idolatria e a desconsideração das leis. Ver também Lv 19,13ss.

Jr 31,8), onde Iahweh guiará os cegos (Is 42,16) e a alegria será tamanha que o coxo saltará de alegria, e a língua do mudo cantará alegres canções (Is 35,6).

O temor a Deus é, portanto, a base da justiça e do direito. Esse temor é que inspira Jó, o juiz justo, a socorrer o pobre, a proteger o direito da viúva e do órfão, a zelar pela justiça e a ser *olhos para o cego e pés para o coxo*. Ele está certo de que a justiça e o direito, ou seja, o cumprimento da vontade de Deus, é defender os indefesos (Pv 31,5b. 8-9).

O versículo 16 desvenda o comportamento de Jó em relação aos pobres, ocupando um lugar central na estrofe que estamos estudando. No meio versículo 16a, Jó se apresenta como o protetor dos pobres: *Eu [era] pai para os pobres* (אָב אֶנְכִי לְאַבְיוֹנִים) que é precisamente a qualificação que corresponde a Deus no salmo 68,6: *Pai dos órfãos e justiceiro das viúvas, é Deus em sua morada santa*. É no tribunal que os pobres necessitam de um pai para defender sua causa: *Sê para os órfãos pai e marido para sua mãe* (Eclo 4,10a). Isso indica a benevolência de Jó ao cuidar dos fracos (Is 22,21).

O substantivo אֶבְיוֹנִים quer dizer *pobres* no sentido material do termo. Alguém que caiu em estado de pobreza ou por injustiça nos julgamentos (Am 2,6c) ou por dificuldades econômicas. O pobre é aquele que é destituído dos bens essenciais para viver e para ter dignidade e liberdade humanas. O pobre não é, somente, uma categoria social ou econômica, nem somente uma categoria espiritual-religiosa (Mt 5, 3). O pobre é aquele que não tem os bens essenciais para viver, porque a vida é, antes de tudo, um bem fundamental. O pobre, também, não tem sua dignidade e liberdade respeitadas. Na dignidade está incluída a justiça e os direitos fundamentais da pessoa.

A Bíblia hebraica apresenta Iahweh como um auxiliador confiável que jamais se esquece dos pobres (Sl 10,12). Os pobres não são puramente pobres; eles são os *pobres de Iahweh* (Sl 34,12). Por isso gozam de solicitude especial de sua parte. Defender a causa

dos pobres é andar em consonância com a sabedoria e com a lei: *Não despojes o fraco, por ser fraco, nem oprimas o pobre no julgamento (Pv 22,22). Não desviarás o direito do teu pobre em seu processo (Ex 23,6).*

Ao afirmar que Deus é *o pai dos pobres*, indica que esses são seus prediletos e não excluídos. É Iahweh o primeiro que se compadece dos empobrecidos, preocupando-se, de maneira paternal, com suas vidas. Jó percebe que o bem que ele faz aos empobrecidos é o cumprimento da lei e da vontade de Deus, pois quem se compadece do necessitado empresta a Iahweh (Pv 19,17). E quem oprime um pobre, oprime o próprio Iahweh. “*Quem oprime o indefeso ultraja seu criador*” (Pv 14,31).

A imagem do pai apresentado por Jó para designar seu relacionamento com os empobrecidos revela sua benevolência pelos fracos e assinala seu compromisso para com os grupos economicamente ameaçados. Por isso, no portão da cidade, diante dos habitantes e dos notáveis, Jó os defende contra os julgamentos ilícitos, atuando como *pai dos pobres*¹²⁴.

Jó continua a administrar a *justiça* e o *direito*. No tribunal, diante de todos, ampara, diligentemente, aqueles que sofrem alguma humilhação. É ele o defensor dos que padecem injustamente.

O meio-versículo 16b apresenta *um desconhecido* (לֹא־יָדַעְתִּי). Não é alguém desconhecido, mas um desvalido, empobrecido¹²⁵, como aqueles que são defendidos por Jó. Jó examina a causa jurídica e executa justamente o direito, dando ganho de causa para ao necessitado. Agindo assim, ele cumpre a lei de acordo com a vontade de Iahweh. No tribunal, Jó não age por instinto de piedade. Ele não é somente protetor dos pobres, mas pai, transformando o seu afeto por eles em obras de misericórdia.

¹²⁴ Luis Alonso SCHÖKEL e José Luis SICRE DIAZ. Job, p. 417.

¹²⁵ Luis Alonso SCHÖKEL e José Luis SICRE DIAZ. Job, p. 417.

Para designar a caridade de Jó pelos pobres, o hagiógrafo utiliza o verbo ריב que indica um processo onde a sentença judicial é decidida, favorecendo os mais fracos. É uma sentença na qual o juiz prima pelo bem dos fracos: *Aprendeis a fazer o bem! Buscai o direito e corrigi o opressor! Fazei justiça ao órfão, defendei a causa da viúva!* (Is 1,17). Nos salmos, esse verbo apresenta Iahweh como o juiz que executa a sentença. É ele quem defende a causa dos fracos contra as investidas dos opressores, aparecendo como o defensor do מִשְׁפָּטִי e o צַדִּיקָה: *Julga-me, ó Deus, defende minha causa contra uma nação sem fidelidade! Do homem iníquo e fraudulento, libertai-me!* (Sl 43,1).

A defesa dos pobres implicará sua libertação plena, pois era essa a finalidade de Jó, quando os defendia no tribunal: *eu livrava o oprimido que pedia socorro* (Jó 29,12a). Para defendê-los, Jó precisa condenar os opressores¹²⁶. A ação do pai dos pobres contra aqueles que oprimem os fracos aparece no versículo 17: *Eu quebrava as mandíbulas do malvado, e de seus dentes arrancava a presa.*

O meio versículo 17a traz a metáfora das *mandíbulas* (מִתְלַעוֹת) *do malvado* (עוֹל). O substantivo עוֹל é utilizado para designar certos grupos de pessoas, destacando, sobretudo, aqueles que agem de maneira violenta contra o justo. Por conseguinte, os atos violentos, de acordo com o hemistíquio 17b, são praticados contra os pobres. Outra característica importante está relacionada à presença do verbo עוֹל e ao contexto jurídico que o verbo cria. (Lv 19,15.35). Nesse contexto, os pobres e os ricos ficam de frente.

Para a compreensão mais exata do v.17a, é preciso estudar o substantivo עוֹל presente nesse meio versículo. A tradução de עוֹל nos remete ao verbo עוֹל que tem como significado básico, *injustiça, maldade, iniquidade*. Frequentemente, esse verbo aparece paralelo a צַדִּיקָה *o justo fiel à comunidade*, e a מִשְׁפָּטִי ou termos afins: *Ele é a rocha, e sua*

¹²⁶ Gustavo GUTIÉRREZ. Falar de Deus a Partir do Sofrimento do Inocente, p. 78.

obra é perfeita, pois toda a sua conduta é o direito (בְּשֹׁפֵט). É Deus verdadeiro e sem injustiça (עוֹל), Ele é a justiça (צְדִיק) e a retidão.

Jó utiliza esse substantivo para designar os grupos que atentam contra a justiça na intenção de falsear o direito dos pobres. Ao utilizar a metáfora: *mandíbulas do malvado* (מִתְלַעֲוֹת עוֹל), ele demonstra sua consciência a respeito da violência que os malvados praticam contra os economicamente ameaçados.

Igualmente, a metáfora (מִתְלַעֲוֹת עוֹל) é realçada pela imagem do meio-versículo 17b e de novo entra em cena a vítima do malvado: *e de seus dentes arrancava a presa*. O pobre, presa fácil, está entre os dentes do malvado. A metáfora revela que a violência praticada contra os fracos chega ao extremo, uma vez que os empobrecidos são oprimidos de maneira violenta como se estivessem entre os dentes dos malvados.

A vida dos pobres está em jogo e, por isso, Jó, o *pai dos pobres*, quebra os dentes do malvado e de lá retira os pequenos. Sua ação é semelhante ao agir de Iahweh, que de acordo com os salmos 3,8 e 58,7, é aquele que *golpeia o queixo dos inimigos e quebra os dentes dos ímpios*¹²⁷.

2.3. Compaixão de Jó (Jó 30,24-25)

Ao descrever a integridade de Jó, o autor utiliza os vv.24-25 para defender sua inocência. Jó, “o homem mais justo da terra”¹²⁸, aprendeu que a missão do justo está em proteger os pobres e que ninguém pode ser íntegro se não realizar retamente essa função. É por isso que, em sua defesa, Jó não se serve de argumentos obsoletos, como faz a teologia

¹²⁷ Luis Alonso SCHÖKEL e José Luis SICRE DIAZ. Job, p. 417.

¹²⁸ Gustavo GUTIÉRREZ. Falar de Deus a Partir do Sofrimento do Inocente, p. 76.

da retribuição, mas recorre às obras de caridade que outrora havia praticado. Jó está certo de que sua vida testemunha a solidariedade que viveu para com o pobre e o indefeso¹²⁹.

O capítulo trinta apresenta a miséria atual na qual Jó está imerso. Esse estado, de acordo com os seus interlocutores, era de se esperar, pois ele foi injusto para com os pobres. Jó não é adepto da teologia da retribuição, não concorda com as justificativas apresentadas por eles para explicar seu sofrimento. Especialmente, ele, que nos dias de sua prosperidade se comportava como o pai dos empobrecidos e protegia os fracos de todas as injustiças (2Sm 12,1-7). Ele, que por ser um homem íntegro, esperava alegria, no entanto recebeu a desgraça como recompensa. Esperava a luz, mas recebeu como prêmio a escuridão (Jó 30,26).

Em meio ao sofrimento, Jó eleva sua voz a Deus, garantindo que Ele não dá a devida importância ao seu clamor. Assegura que ele foi injustamente lançado à miséria e abandonado por seus amigos e até por Deus. Deus que devia salvá-lo, ao contrário, o persegue até a morte, como ele mesmo diz: *Clamo por Ti, e não me respondes; insisto, sem que te importes comigo. Tu te tornaste meu verdugo e me atacas com o teu braço musculoso. Levantas-me e me fazes cavalgar o vento e me sacodes com a tempestade. Bem vejo que me devolves à morte ao lugar de encontro de todos os mortais* (Jó 30,20-23).

אֵךְ לֹא־בְעֵי יִשְׁלַח־יָד	24a	<i>Certamente, quando na ruína, não estendi a mão,</i>
אִם־בְּפִידוֹ לָהֶן שׁוֹעַ:	24b	<i>quando, na desgraça, grita por socorro?</i>
אִם־לֹא בְּכִיתִי לְקִשְׁה־יּוֹם	25a	<i>Acaso, não chorei com o atribulado,</i>
עֲנַמָּה נַפְשִׁי לְאֲבוֹן:	25b	<i>Não compadececi da vida do pobre?</i>

¹²⁹ Gustavo GUTIÉRREZ. Falar de Deus a Partir do Sofrimento do Inocente, p. 78.

Os vv.24-25 formam uma subestrofe e constituem o primeiro dos juramentos sobre a inocência com a qual Jó conclui o seu monólogo no terceiro poema¹³⁰. Os versículos também ocupam o eixo do monólogo de conclusão e, de certa forma, repetem o argumento de Jó 29,18-20¹³¹: *E pensava: “Morrerei no meu ninho, depois de dias numerosos como a fênix. Minhas raízes estendidas até a água, o orvalho pousando em minha ramagem, minha honra ser-me-á sempre nova, em minha mão o meu arco retomará força”*. Nesses versículos, Jó se sente como os pobres, vítimas da injustiça e da arbitrariedade dos ímpios.

No v.24 Jó se interroga: *Certamente, quando na ruína, não estendi a mão, quando, na desgraça grita por socorro?* O questionamento que ele faz revela sua postura mediante o sofrimento do pobre. Jó, o justo, jamais deixou sem auxílio alguém que se encontrasse na ruína (לְאֵבֶעֱי) ou na desgraça (בְּפִירָה). No meio versículo 24a o termo עֵי expressa a idéia de destruição total (Sl 79,1; Mq 1,6; 3,12). Esse vocábulo tem origem no verbo עוּרָה que expressa a idéia de *torcer* e de *dobrar* algo ou alguém¹³²: *Estou curvado, inteiramente prostrado* (Sl 38,7a). Paralelo a esse verbo está o vocábulo פִּירָה expressando a realidade de catástrofe ou de desgraça pessoal (Pr 24,22; Jó 12,5), podendo ser apreendido como o mal que aflige uma pessoa particularmente.

Na ótica em que estamos interpretando o livro de Jó, ou seja, a partir da vida dos pobres, estes dois vocábulos (לְאֵבֶעֱי) e (בְּפִירָה) indicam pessoas que, injustamente, se precipitaram na ruína e na desgraça social tornando-se miseráveis. Aos miseráveis, porém, Jó se apresenta como aquele que *estende a mão* (יִשְׁלַח יָדוֹ); aos desesperançados ele é sinal de que a esperança ainda não chegou ao seu fim. Os gestos de Jó revelam sua misericórdia pelos empobrecidos que lhe pedem auxílio (Dt 4,34; 5,15). A obra das mãos de Jó é a

¹³⁰ Henri de TERNAY. O Livro de Jó, p.219.

¹³¹ Luiz Alexandre SOLANO ROSSI. A Falsa Religião e a Amizade Enganadora, p. 143.

¹³² Luis Alonso SCHÖKEL e José Luis SICRE DIAZ. Job, p. 425.

caridade para com os pobres e não a violência como outrora fora incriminado por Elifaz (J6 22).

A presença do verbo שוע, aqui nesta conjuntura, reforça o contexto social dos versículos e, ao mesmo tempo, a autoridade de Jó frente às pessoas opressoras. Esse verbo, que significa *clamor*, é empregado cerca de vinte duas vezes na Bíblia hebraica, oito vezes no livro de Jó. E, na maioria das vezes, o clamor parte dos pobres, daqueles que se encontram esquecidos ou explorados (Sl 72,12; Jó 29,13).

No v.25, Jó se apresenta como aquele que *chora com o atribulado e se compadece da vida do pobre*. Ele não só estendeu a mão ao empobrecido enquanto na desgraça, mas também o tratou com compaixão, associando-se a seu sofrimento¹³³. A postura de Jó se expressa nos verbos בכה e עגם. O verbo *chorar* (בכה) manifesta a reação interior de Jó ao perceber a aflição de quem está *atribulado* (קשיה-יום) ou seja, daquele cujos *dias são duros*, que tem a vida dura. Jó ouve o clamor dos pobres e por eles se *compadece* (עגם)¹³⁴. Tem um sentimento de compaixão diante da *vida do pobre* (נפש לִאביון). Nesse meio versículo, o autor utiliza a palavra נפש que é um termo fundamental para a antropologia do primeiro Testamento para explicar o ser humano. נפש é um vocábulo polissêmico com diversos significados na língua hebraica. Entrementes, todos os significados expressam o ser humano em sua totalidade¹³⁵.

Aqui em Jó 30,25, há um paralelo entre os termos נפש e אביון. Esse paralelo sugere uma interpretação social, uma vez que נפש é um termo que, de acordo com o contexto, pode designar um estado de fome. Certamente, os pobres que Jó contempla e lhe causam

¹³³ Henri de TERNAY. O Livro de Jó, p. 220.

¹³⁴ O termo עגם ocorre somente em Jó 30,25.

¹³⁵ Sobre נפש, conferir Hans Walter WOLFF. Antropologia do Antigo Testamento, p. 21-41.

um sentimento de compaixão estão com a *garganta* (שִׁנְיָה) colada na terra, ressequida pela fome e pela sede que não é uma fatalidade mas o fruto da injustiça (Sl 107, 5.9). Jó, o justo, ao saciar os famintos e sedentos, age como Iahweh libertando-os das garras dos ímpios e devolvendo-lhes a *respiração* (שִׁנְיָה), ou seja, a *vida*: *Iahweh não deixa sofrer fome a garganta do justo, mas repele a avidez do ímpio.*

Os v.24-25 demonstram que as acusações de Elifaz contra Jó não procedem, não passam de invenções que têm como objetivo destruir a integridade¹³⁶ do homem mais justo que o Primeiro Testamento nos apresenta. Jó, porém, jamais desprezou o pobre. Ao contrário, sua vida inteira foi consumida defendendo-os diante dos projetos dos ímpios. Entrementes, Jó se gloria de ser o advogado dos fracos e desse modo ele pratica da justiça e a misericórdia além da exigência legal. O que movia sua obra de caridade era seu amor pelos pobres e não algum interesse pessoal oculto.

2.4. Visão de igualdade (Jó 31,13. 16-21)

O capítulo 31, terceira parte do monólogo de conclusão, não é uma continuação do capítulo 29 e 30, mas se trata do juramento de inocência de Jó. A temática não é mais acerca da felicidade, mas sobre a integridade de Jó¹³⁷. O autor utiliza poeticamente a fórmula do juramento hebraico, formando um paralelo entre a frase principal e a frase condicional: *“Se se meus pés se desviarem do caminho e meus passos e meu coração seguir as atrações dos olhos. Se se apegou alguma mancha às minhas mãos, que outro coma o que semeiei, e que arranquem as minhas plantações!”*¹³⁸.

¹³⁶ Gustavo GUTIÉRREZ. Falar de Deus a Partir do Sofrimento do Inocente, p. 72.

¹³⁷ Henri de TERNAY. O Livro de Jó, p. 222.

¹³⁸ Luis Alonso SCHÖKEL e José Luis SICRE DIAZ. Job, p. 439.

A intenção de Jó ao utilizar esse esquema é defender sua inocência, pois está convencido de que pode pedir uma audiência ao seu juiz, na certeza de que sua causa está ganha. O tema dos pobres aparece na quarta estrofe que intitulamos o direito dos pobres. Quanto ao estilo literário, toda a perícope está delineada pela partícula conjuntiva *se* (אם), característica que torna a perícope literariamente coesa.

אם־אמאם מושפּט עבדִי ואמתִי	13a	<i>Se repudiei o direito do escravo e da escrava</i>
בְּרַבִּים עִמּוֹדִי:	13b	<i>quando disputava comigo.</i>
אם־אמנע מחפֵץ דְּלִים	16a	<i>Se recusei complacência aos fracos,</i>
ועיני אלמנה אכלה:	16b	<i>e os olhos da viúva aniquilei.</i>
ואכל פתי לבדי:	17a	<i>Mas comi meu bocado sozinho,</i>
ולא־אכל יתום ממנה:	17b	<i>e não alimentei, com uma parte, o órfão.</i>
כי מנעורי גדלני כאב	18a	<i>Porque, desde minha juventude, cuidei dele como um pai.</i>
ומבטן אמי אנהנה:	18b	<i>e desde o ventre de minha mãe ele me guia.</i>
אם־אראה אוֹבֵד מִבְּלִי לְבוּשׁ	19a	<i>Se vi um pobre perecer sem roupa,</i>
ואין כִּסוֹת לְאַבְיוֹן:	19b	<i>e um pobre sem cobertor.</i>
אם־לא ברכוני חֲלָצוֹ	20a	<i>Se não me agradeceram suas cinturas</i>
ומגז כֶּבֶשׂי יתחמם:	20b	<i>e com a lã do cordeiro aquece.</i>
אם־הניפּוֹתִי עַל־יְתוּם יָדִי	21a	<i>Se levantei sobre o órfão a mão,</i>
כִּי־אֲרֹאֶה בְּשַׁעַר עֲזָרְתִּי:	21b	<i>quando vi no portão meu apoio.</i>

O v.13 apresenta o problema do direito dos escravos (מושפּט עבדִי) que está baseado na teologia da criação¹³⁹ apresentada pelo v.15 “*Quem me fez no ventre não fez também a ele? Quem nos formou a ambos não é um só?*” Com isso, Jó coloca as bases da igualdade e da fraternidade universal, alicerçadas na profecia de Malaquias, que ao falar da

¹³⁹ Henri de TERNAY. O Livro de Jó, p. 226.

paternidade de Deus, coloca as exigências éticas da aliança como alicerce de sua defesa dos escravos: *Não temos todos um único pai? Não foi um único Deus que nos criou? Por que agimos perfidamente uns com os outros, violando a aliança de nossos pais?* (Ml 2,10).

O v.13 utiliza o vocábulo עֶבֶד para designar *escravo*, entretanto, seu uso e significado são amplos, não se restringe ao âmbito da escravidão. O direito dos escravos é discutido na legislação de Israel (Lv 25,39-55; Dt 15,12.18; Ex 21,2-11). Aqui, Jó reconhece o direito do escravo de abrir um processo contra seu dono, maneira importante de reconhecer a dignidade com que esse grupo deve ser tratado (13b). O tribunal de Jó é o tribunal de Deus, pois faz justiça aos pobres. A postura ética sobre os pobres defendida por Jó está pautada no seu comportamento diante dos pobres. Jó praticou a justiça igualmente em sua casa (Jó 19,15-16). Ele sempre esteve junto aos empobrecidos¹⁴⁰, pois considera o senhor e o escravo iguais na concepção e no nascimento. São formados no único seio do criador, gerados no mesmo ventre.

Nos vv.16-21, Jó convoca suas obras de misericórdia em sua defesa. Obras regidas, não por interesses particulares, mas determinadas pelo seu temor a Deus e amor aos pobres. No versículo 16, Jó refuta a acusação de Elifaz presente no capítulo vinte e dois que levantará sobre ele a suspeita de praticar injustiças contra os mais fracos: *Não davas água ao sedento e recusavas pão ao faminto; entregavas a terra a um homem poderoso, para ali se instalar o favorecido; despedias a viúva com mãos vazias, quebravas os braços dos órfãos* (Jó 22,7-9). Por outro lado, esse versículo ratifica a fala de Jó no capítulo 29,13: *Eu alegrava o coração da viúva*. Jó está seguro de seus atos em favor dos mais pobres, pois, toda a sua vida foi consumida na prática da justiça. Sua atenção com a necessidade dos pobres: consolo aos aflitos, alimento para os famintos, guia para os órfãos, vestido e lar para o desvalido, justiça para os inocentes, tudo isso fazia parte de seu cotidiano. A

¹⁴⁰ Henri de TERNAY. O Livro de Jó, p. 226.

responsabilidade de Jó diante dos pobres provém de sua diligência diante de Deus. Jó fez de suas obras de misericórdia uma regra de vida. Diante da defesa de Jó, as acusações de Elifaz não encontram apoio na realidade, pois sua observação está alicerçada na teologia clássica da retribuição, enquanto a defesa de Jó está pautada no direito dos pobres.

Aqui temos duas categorias que representam os economicamente empobrecidos. Os אֱלֵּי־מָוֶת e a אֵלֵּי־מָוֶת já estudados anteriormente. Nesse contexto, os dois formam um paralelo, característica comum nos textos de caráter social. Para os אֱלֵּי־מָוֶת Jó afirma ser חַפְּזֵי , raiz empregada aqui para designar sua satisfação em ajudar os *fracos*, não retendo para si o que eles desejavam, mas seu prazer estava em fazer justiça na causa do *fraco* e da *viúva*.

De maneira nítida Jó continua sua defesa focalizando suas obras de misericórdia. Afirma que “*jamais comeu seu bocado sozinho*”, mas alimentou com uma parte o órfão (v17). Ele sabe que o órfão, bem como a viúva, por causa de sua sorte de vida particular, necessitam, de modo especial, da solidariedade da sociedade, e por isso os pobres são alimentados por ele.

No v.18, Jó demonstra que sua postura para com os pobres não é um gesto ocasional provocado por algum emocionalismo momentâneo, mas uma espiritualidade particular, pois desde o ventre materno, desde a juventude, cuidou dos pobres como um pai. Afirmação que Jó fez no capítulo 29,16: *Eu era o pai dos pobres* (בִּנְיָ).

A consciência social de Jó é constantemente despertada pela sua preocupação em configurar-se com a vontade de Deus (v.23). Por isso, nos versículos 19-21, continua seu juramento de solidariedade com os pobres. Revela a preocupação que deve ter o homem detentor de poder com a vida dos mais fracos. “Ele tem a imaginação do amor”¹⁴¹.

¹⁴¹ Samuel TERRIEN. Jó, p. 235.

Jó tem consciência de que o direito à vida é mais importante que o direito aos bens materiais. Conseqüentemente, o clamor do pobre é uma exigência que requer respostas e não é um ato assistencialista ou puramente legal, mas sim uma resposta da própria justiça. Para ele, ser justo é cuidar de quem necessita. Postura defendida por ele nos versículos seguintes: *Se vi um pobre perecer sem roupas, e um pobre sem cobertor. Se não me agradeceram suas cinturas e com a lã do cordeiro aquece. Se levantei sobre o órfão a mão quando vi no portão seu apoio.*

O hemistíquio 19a faz um paralelo com o versículo 13 do capítulo 20 em que a palavra אֲבָרָה, aqui traduzida como *perecer*, está referindo-se ao órfão e à viúva (Jó 31,16b-17b) afirmando que eles estão perecendo de miséria. Jó também não levanta a mão contra o órfão para ameaçá-lo. Ele tem consciência de que a ação do ser humano se concentra nas mãos. Fazer significa utilizar as mãos. Nosso agir denuncia nossos pensamentos e desejos. A mão de Jó é símbolo de sua caridade e amor com que cuida dos pequenos. A caridade é fruto de suas mãos. Não é, para Jó, sinal de violência, mas de sua compaixão para com os pobres. Destarte, Jó não se vangloria de sua posição social na cidade nem do apoio que lhe ofereciam.

No meio versículo 21b: *Quando vi no portão meu apoio.* O portão (שַׁעַר)¹⁴² é um substantivo que está presente em cento e quinze passagens na Bíblia hebraica com sentido de edifício particular (Dt 6,9; 11,20), como palácio (Est 4,2;5,9). O termo equivale à praça aberta como o local da vida urbana. As cidades fortificadas da antigüidade tinham habitualmente uma porta monumental cujo plano constituía uma defesa eficaz em caso de

¹⁴² Na porta da idade do Ferro, em Tell en Nashbell, longos bancos de pedra foram encontrados na área da porta central, que provavelmente eram destinados para o conselho de anciãos. Sobre as funções exercidas no portão encontra-se vestígio de “práticas de algum culto conduzido junto aos portões da cidade. Em Dã, uma instalação em cantaria possuía um pátio sustentado por bases de colunas de pedra; as bases eram ornadas em estilo que lembra a arquitetura neo-hítita no norte da Síria. Essa instalação pode ter sido um ponto focal para praticas de culto (compare 2Rs 23,8), embora também possa ser explicado como um pódio para o trono de uma autoridade: governador, juiz ou soberano”. Cf. Amihai MOZAR, *Arqueologia na terra da Bíblia*, p. 444.

cerco. Tais portas comportavam amplos cômodos, com armazéns e salas de reunião onde se tratavam os assuntos da cidade, como acontecia no fórum de uma cidade romana. *Um cochicho dos que se assentam à porta, e a canção dos que bebem bebidas fortes* (Sl 69,13).

O portão da cidade era o lugar da prática da justiça e Jó, como um dos anciãos da cidade, ocupava lugar de destaque no tribunal, sempre julgando, justamente a causa dos mais pobres. Jó era pai e defensor dos pobres, era adversário daqueles que queriam devorar os pequenos. Jó assim se vê a si mesmo. Considera-se justo porque tentou ser próximo e solidário dos oprimidos e despojados.

Para ele, estabelecer a “justiça e o direito” supõe libertar o pobre da situação desumana e da exploração em que vive. Jó tem sua consciência íntegra e inocente perante Deus e perante os homens, pois consumiu sua vida toda na defesa dos socialmente espoliados e macerados pela injustiça praticada pelos seres humanos.

CONCLUSÃO

O trabalho discutiu o tema dos pobres no livro de Jó. Teve como referência vários versículos, no diálogo poético, que abordam de maneira evidente a questão social. Na abordagem dos textos, seguiu-se o método exegético histórico-crítico em alguns pontos, entretanto interpretando os textos e respeitando sua estrutura e sua mensagem, na tentativa de não instrumentalizar o texto bíblico.

Todas as e versículos e perícopes, aqui estudadas, formam um paralelo temático, delineando uma mensagem social no interior do livro de Jó. Nelas Jó, incansavelmente, defende sua integridade perante Deus e a sociedade e evidencia suas obras de caridade. Embora Jó seja justo perante a lei mosaica, sua defesa não se fundamenta no seguimento rigoroso da Torá, mas em sua obra de misericórdia.

Nas perícopes, Jó apresenta a situação do povo no seu contexto, evidenciando um projeto de violência contra os pobres, enquanto excluídos, impuros e oprimidos. Ele é o justo juiz. No tribunal defende incansavelmente o órfão, a viúva, o pobre e o pequeno, de modo que a justiça paira sobre sua cabeça e penetra seu coração. O pai dos pobres e advogados dos pequenos, jamais praticou um ato de violência contra os empobrecidos.

Com isso podemos concluir que o hagiógrafo, ao colocar diante dos acusadores de Jó suas obras de caridade, tem a intenção de superar a mentalidade de que a justiça não se alcança, somente, pelo cumprimento das leis culturais da *torah*, mas, sobretudo pelo cumprimento das leis éticas, que se tornaram obsoletas diante da cegueira dos teólogos da retribuição.

Jó, olhando para os pobres, contempla uma sociedade injusta e afirma que a ordem social está inversa. Iahweh, o Pai dos órfãos, não consegue manter o mundo justo, por isso o abandonou nas mãos dos ímpios. A impiedade domina sobre todos. O que se vê é que grande parte da sociedade está mergulhada na miséria e na pobreza moral, de modo que a violência atinge a todos indiscriminadamente.

Assim Jó, homem marcado pela desgraça, sofre todas as misérias que um ser humano pode enfrentar. Sobre ele recai o sofrimento em todos os níveis da vida humana. No aspecto físico suporta todas as dores, mas não é isso seu maior sofrimento. A falta de justiça o tortura. Jó levanta sua voz num protesto que só cessará quando Iahweh lhe responder (38-42,6). Nesse clamor, Jó está sozinho, e na sua solidão, está a dor da humanidade sofredora. É desse sofrimento solitário que brota a fé no Deus que é bondade, que protege os oprimidos e salva os pobres.

O sofrimento leva o pobre Jó a ter uma nova experiência de fé adversa àquela apresentada pelos seus interlocutores. Iahweh lhe revela um rosto novo, de quem cuida dos pobres, adverso ao da teologia clássica da retribuição, que vê a pobreza e a doença como um castigo oriundo do pecado. “A massa dos pobres padece em situações desumanas claramente imerecidas. Nada pode justificar que um ser humano careça do necessário para viver com dignidade e com seus direitos elementares respeitados”¹⁴³.

¹⁴³ GUTIÉRREZ, Gustavo. Falar de Deus a Partir do Sofrimento do Inocente, p. 42.

Os justos da terra dizem a Jó que o sofrimento é o produto do pecado. Jó não aceita isso, pois sabe que sempre foi justo e reto (1,1b). Sua dor é fruto da injustiça e ceder a essas acusações é o mesmo que acreditar num Deus violento. Apesar dessa postura, o sofrimento o persegue como um peso que não termina. Jó, o homem do sofrimento, representa a humanidade inteira mergulhada na dor. Sobre ele recai toda a dor humana em todas as dimensões: material, afetiva, física, social e existencial.

Na dimensão econômica está a pobreza. Ao perder seus bens, Jó é despojado de toda segurança externa (1,14-17). Na dimensão afetiva está a perda da família. As calamidades e violência da terra caíram sobre sua família, matando todos os seus filhos. Isso significa que não haverá mais alegria, carinho e confiança, que não terá descendência. Só sobrevive a mulher para atormentá-lo, para fazê-lo renegar seu passado de justiça (2,9). Sem família, não tem o pobre Jó direito ao convívio social (1.18-19).

Na dimensão física, a doença destrói-lhe o corpo. Recai sobre ele toda enfermidade que aos poucos lhe tira as forças e o anseio pela vida a ponto de se considerar um morto vivo (2,7-8). Na dimensão social está a rejeição dos representantes da tradição. Os interlocutores da sociedade questionam o comportamento de Jó, utilizando os argumentos da teologia tradicional, na tentativa de convencê-lo de que seu sofrimento é justo. Eles querem que Jó confesse sua culpa diante de Deus e da sociedade, pois não lhes basta sua morte física. Eles desejam, também, sua morte moral.

Finalmente, na dimensão existencial está a luta interior. Jó sofre com suas dúvidas e com os intermináveis pesadelos noturnos que o condenam, vivendo uma luta existencial para não se abater na desesperança e entregar-se à opressão. Sua vida tornou-se um instrumento de torturas.¹⁴⁴ Aqui os pobres e Jó estão próximos, de uma maneira especial, pois, em ambos os casos, trata-se do sofrimento de pessoas inocentes, e mudar essa

¹⁴⁴ Xabier PIKAZA. El Misterio de Dios, p. 161-162.

situação parece impossível¹⁴⁵. Entrementes, o pobre Jó tem certeza de que Deus julgará sua causa.

Refletindo sobre todo o livro de Jó, observa-se uma mensagem que mantém viva a esperança dos injustamente empobrecidos, que, como Jó, esperam uma resposta positiva de Deus. Deus não pode se calar diante da injustiça praticada contra os pobres. É por isso que, para Jó, a esperança é eterna.

¹⁴⁵ Matthias GRENZER. Análise Poética da Sociedade, p. 85.

BIBLIOGRAFIA

ASENSIO, Victor Morla. Livros Sapienciais e Outros Escritos. São Paulo: Ave Maria, 1997.

BAUER, Johannes B. Dicionário Bíblico-Teológico. São Paulo: Loyola, 2000.

BIBLE: Works for Windows. Na versão 6. em CD-ROM.

BÍBLIA: ELLIGER, K; RUDOLPH, W. Biblia Hebraica Stuttgartensia. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

BÍBLIA: A Bíblia de Jerusalém: nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2003.

BÍBLIA: Bíblia Tradução Ecumênica. São Paulo: Loyola, 1994.

GOTTWALD, Norma K. Introdução Sócio-literária à Bíblia Hebraica. São Paulo: Paulina, 1988.

GRENZER, Matthias. Análise Poética da Sociedade, um estudo de Jó 24. São Paulo: Paulinas, 2006.

_____. Salmo 1: prazer com o ensino de Iahweh. São Paulo: Paulinas, 2004.

GUTIÉRREZ, Gustavo. Falar de Deus a Partir do Sofrimento do Inocente. Petrópolis:

Vozes, 1987.

HERRIS, R Laird; ARCHER, L. Gleason Junior; WALTKE, Bruce K. Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 1998.

JENNI. Ernst; WESTERMANN, Claus. Diccionario Teologico del Antigo Testamento. Vol. I, Madrid: Ediciones Cristiandad, 1978.

JENNI. Ernst; WESTERMANN, Claus. Diccionario Teologico del Antigo Testamento. Vol. II, Madrid: Ediciones Cristiandad, 1985.

KILPP, Nelson. Deficientes Físicos no Antigo Testamento. In: Estudos Bíblicos n. 27. Petrópolis, Vozes, p. 38-46. 1990.

KRAMER, Pedro. Origem e Legislação do Deuteronômio: programa de uma sociedade sem empobrecidos e excluídos. São Paulo: Paulinas, 2006.

_____. O órfão e a viúva no livro do Deuteronômio. In: Estudos Bíblicos n. 27. Petrópolis, Vozes, p. 20-28. 1990.

LINDEZ, José Vilchez. Sabedoria e Sábios em Israel. São Paulo: Loyola, 1999.

MCKEINZIE, John L. Dicionário Bíblico. São Paulo: Paulus, 2003.

MOZAR, Amihai. Arqueologia no tempo da Bíblia 10.000-586 aC. São Paulo: Paulinas, 2003.

PIKAZA, Ibarrondo Xabier. El Misterio de Dios: de la búsqueda de Dios al Dios Cristiano. Madrid: San Pio X. 1990.

POPE, Marvin H. Job. New York: Doubleday & Company, 1983.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano. A Falsa Religião e a Amizade Enganadora: livro de Jó. São Paulo: Paulus, 2005.

SCHOKEL. Luis Alonso; SICRE, José Luis Diaz. Job: Comentário Teológico y Literário. Madrid: Ediciones Cristiandad. 1993.

SCHOKEL, Luis Alonso. Dicionário Bíblico Hebraico-Português. São Paulo: Paulus, 1997.

SCHROER, Silvia; STAUBLI, Thomas. Simbolismo do Corpo na Bíblia. São Paulo: Paulinas, 2003.

SILVA, Cássio Murilo. Metodologia de Exegese Bíblica. São Paulo: Paulinas. 2000.

TERNAY, Henri de. O livro de Jó: da provação à conversão, um longo processo. Petrópolis: Vozes, 2001.

TERRIEN, Samuel. Jó. São Paulo: Paulus, 1994.

WEISER, Artur. Os Salmos. São Paulo: Paulus, 1994.

WOLFER, David. Deep Things Out Of Darkness: the book of Job essay and a new english translation. Netherlands: Kok Pharos Publishing Hause, 1995.

WOLFF, Hans Walter. Bíblia Antigo Testamento: introdução aos escritos e aos métodos de estudo. São Paulo: Paulus e Teológica, 2003.

_____. Antropologia do Antigo Testamento. São Paulo: Loyola, 1983.

ZENGER, Erich. et al. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Loyola. 2003.